

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE BIOCÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOBIOLOGIA

EVERTON XAVIER DE LIMA

O homem na rua: a relação entre riscos, amor e família na visão evolucionista

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, para obtenção do título de Mestre em Psicobiologia.

Natal  
2019

EVERTON XAVIER DE LIMA

O homem na rua: a relação entre riscos, amor e família na visão evolucionista

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, para obtenção do título de Mestre em Psicobiologia.

Orientadora: Profa. Dra. Fívia de Araújo Lopes

Natal  
2019

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN  
Sistema de Bibliotecas - SISBI  
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial Prof. Leopoldo Nelson - -Centro de Biociências - CB

Lima, Everton Xavier de.

O homem na rua: a relação entre riscos, amor e família na  
visão evolucionista / Everton Xavier de Lima. - Natal, 2019.  
100 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande  
do Norte. Centro de Biociências. Programa de Pós-Graduação em  
Psicobiologia.

Orientadora: Profa. Dra. Fívia de Araújo Lopes.

1. Homens na rua - Dissertação. 2. Situação de rua -  
Dissertação. 3. Estilos de apego - Dissertação. 4.  
Imprevisibilidade familiar - Dissertação. 5. Riscos -  
Dissertação. I. Lopes, Fívia de Araújo. II. Universidade Federal  
do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/UF/BSE-CB

CDU 342.7-058.5

Título: O homem na rua: a relação entre riscos, amor e família na visão evolucionista.

Autor: **Everton Xavier de Lima**

Data da defesa: 27/08/2019

Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Anthonieta Looman Mafra  
Universidade de São Paulo  
Departamento de Psicologia Experimental

---

Prof. Dr. Felipe Nalon Castro  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN  
Departamento de Fisiologia e Comportamento

---

Profa. Dra. Fívia de Araújo Lopes  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN  
Departamento de Fisiologia e Comportamento

"Apaixonados sempre têm olhares apressados"

## AGRADECIMENTOS

Não poderia começar de outra maneira a não ser agradecendo àqueles que me deram a vida, sem os quais nada disso seria possível: meus pais. A eles tudo o que eu tenho, sou e a minha gratidão eterna.

Obrigado também à minha incrível orientadora Fívia Lopes, que soube me acolher em momentos únicos e compreender o que eu achei que ninguém mais compreenderia. Por toda a atenção, afeto, abraços e momentos de discussões científicas e risadas. Por ter sido tão paciente e humana, vou levar os aprendizados para além da vida acadêmica, pois são essenciais. Meu muito obrigado pelos ensinamentos dentro e fora da sala de aula. Sem você, eu não posso imaginar como teria sido essa jornada.

Jamais posso esquecer dos amigos, esses seres que são irmãos e nos dão a mão quando menos esperamos e mais precisamos. Ariela, Jéssica, Abdenor, Alessandra, Karina, Renato, Glória, Ewerton... Entre tantos outros. O que seriam dos nossos encontros sem as minhas lamentações da pós, não é mesmo? Gratidão por sempre ouvirem o que eu mais faço questão de expressar.

Gostaria de expressar minha gratidão ainda ao excelente e rico campo de professores do Departamento de Fisiologia e Comportamento da UFRN que tanto contribuíram para o meu crescimento tanto na graduação, quanto na pós. Aos mestres, sempre o meu maior carinho.

Além disso, a todo o corpo de professores de Departamento de Pós-Graduação em Psicobiologia da UFRN, obrigado por terem me recebido enquanto discente e eterno aprendiz. Os ensinamentos de qualidade e a receptividade aos alunos são marca registrada de um programa que, não poderia ser diferente, é tão bem conceituado. Me orgulha fazer parte dessa história com vocês!

Aos colegas de mestrado, Felipe, Rodrigo, Elionaide, Camila... Entre diversos mais tão importantes nessa caminhada juntos ao mesmo objetivo: conseguir com vocês fez toda a diferença.

Gratidão ainda a Victor Shiramizu pelas conversas dentro e fora dos portões da Universidade, pelos esclarecimentos e pelo compartilhamento de angústias em alguns dias. Seus conhecimentos em pesquisa, números e em rodar dados sempre me fizeram acreditar mais no mundo acadêmico ao ver o seu amor e dedicação tão direcionados com maestria.

Muito obrigado também a Igor Bezerra pelo esforço e dedicação durante a colaboração na fase de coleta. Desejo que você tenha aprendido tanto quanto eu nas entrevistas e possa desbravar a academia para além da iniciação científica.

Agradeço ainda a Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMTAS) pela disponibilização dos serviços que atendem à população em situação de rua para a realização da coleta. E no espaço do Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua, não poderia deixar de mencionar Pollyana Cerqueira por sua abertura, confiabilidade e vontade de colaborar com a pesquisa ajudando a recrutar sujeitos mesmo em seu horário de trabalho e sempre com um sorriso no rosto. Você trouxe pessoas até mim e eu espero retribuir em afeto todos os dias em dobro até você. Além disso, a Selma, minha eterna gratidão. O oferecimento e abertura do espaço, o carinho e a acolhida ao meu projeto foram parte primordial da construção do mesmo. E por tudo isso sou extremamente grato.

A Anthonieta Mafra e Felipe Nalon, obrigado por terem recebido tão bem o convite para participar da banca de defesa. Tenho certeza que os conhecimentos e sugestões irão servir muito para a minha caminhada!

Finalmente, a todos aqueles que contribuíram de alguma forma, acreditando, torcendo ou mesmo desejando o melhor de perto ou de longe, meus mais sinceros agradecimentos. E a absolutamente todos os envolvidos nessa dissertação de alguma forma: secretária, auxiliares de limpeza, discentes nas aulas comigo, auxiliares administrativos, professores envolvidos nas semanas de qualificação e na data da defesa e tantos outros: sem vocês, eu sequer poderia ter a honra de agradecer-lhes. Obrigado!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## RESUMO

---

O comportamento reprodutivo é um importante fator no campo da evolução. A partir das estratégias sexuais podemos analisar as repercussões das escolhas e o que as motiva. Por isso, trabalhos que busquem compreender os fatores envolvidos neste âmbito e características ambientais relacionadas tornam-se tão importantes. Este trabalho tem dois estudos como foco. A partir de um centro de referência que atende diariamente pessoas em situação de rua, obtivemos uma amostra de 136 homens vivendo nas ruas. No primeiro estudo, realizamos uma caracterização sociodemográfica de parte da população masculina em situação de rua na cidade de Natal/RN. Nossa amostra contou com maioria alegando estado civil solteiro, média de idade de 37,5 anos, ou seja, homens se aproximando da meia idade. Observamos ainda a predominância do tempo de quatro anos ou mais na rua. O uso expressivo de substâncias lícitas e ilícitas foi um dos fatores observados na amostra. Além disso, os homens relataram, em sua maioria, a concepção de relações de curto prazo em até seis meses e longo prazo sendo a partir de quatro anos ou mais. Por fim, no estudo 2, analisamos a relação entre as dimensões de apego ansioso e evitativo com comportamentos de risco e a imprevisibilidade familiar. Encontramos que quanto maior a idade, menor é a evitação a relacionamentos afetivos, além de relação inversamente proporcional entre evitação e ansiedade. Também percebemos correlação positiva entre imprevisibilidade de recursos e a dimensão do apego ansioso. Os indivíduos foram separados em grupos de risco imediatos, nos quais foi possível observar predominância de médias altas de ansiedade relacionadas ao maior risco. Por fim, levantamos a possibilidade de adoção de estratégias mistas (curto e longo prazo) relacionadas à seleção sexual nos homens em situação de rua. Assim sendo, o presente estudo demonstra a importância da ampliação de conhecimentos acerca das estratégias reprodutivas em diferentes populações e variações ambientais envolvidas.

**Palavras-chave:** Homens na rua. Situação de rua. Estilos de apego. Imprevisibilidade familiar. Riscos.

## ABSTRACT

---

Reproductive behavior is an important factor in the evolution field. Starting from sexual strategies, we can analyze the repercussions of mate choices and what motivates them. Therefore, studies that seeks to understand the factors involved in this field and related environmental characteristic becomes so important. This research has two studies as focus. From a center that serves homeless people, we obtained a sample of 136 homeless men. In the first study, a sociodemographic characterization of the male population was performed from homeless men in the city of Natal / RN. Most of the sample claimed to be single and mean age were 37.5 years, ie men approaching middle age. We also observed a predominance of time of four years or more on the street. The expressive use of chemical and illicit substances was one of the main results in the sample. In addition, most men reported the conception of short-term relationships up to six months and long term being from four years or more. Finally, in study 2, we analyzed a relationship between anxious and avoidant attachment dimensions with risky behaviors and family unpredictability. We found as much as older they get, the lower is the avoidance of affective relationships, and also found out inversely proportional relationship between avoidance and anxiety. We also discovered positive correlation between unpredictability of resources and anxious attachment. The individuals were classified into immediate risks groups, in wich it was possible to observe a predominance of high averages of anxiety levels related to higher behavior risks. Finally, we hypothesized the possibility of mixed strategies related to sexual selection in homeless men. In summary, the present study demonstrates the importance of expanding responses on reproductive strategies in different groups and environmental situations involved.

**Keywords:** Men in the streets. Homeless people. Attachment styles. Family unpredictability. Risks.

## SUMÁRIO

---

1 APRESENTAÇÃO	11
2 INTRODUÇÃO GERAL	12
3 OBJETIVOS	20
4 HIPÓTESES E PREDIÇÕES	21
5 ESTUDO I	22
6 ESTUDO II	45
7 CONCLUSÕES GERAIS	65
8 REFERÊNCIAS	68
ANEXOS	73

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

---

CadSUAS – Cadastro do Sistema Único de Assistência Social

Centro Pop – Centro de Referência Especializado em Pessoas em Situação de Rua

ECR – *Experience in Close Relationships*

EIFI – *Escala de Imprevisibilidade Familiar na Infância*

FEANTSA - European Federation of National Organisations Working with the Homeless

G1 – Portal de notícias do grupo Globo

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IST – Infecção Sexualmente Transmissível

MDS – Ministério do Desenvolvimento Social

N – Número Amostral

OMS – Organização Mundial da Saúde

PSR – População em Situação de Rua

RN – Rio Grande do Norte

SEMTAS – Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social

SIDA – Síndrome da Imunodeficiência Humana Adquirida

SSS – Score relacionado à análise das categorias saúde, sexo e segurança

SUAS – Sistema Único de Assistência Social

SUS – Sistema Único de Saúde

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

## 1 APRESENTAÇÃO

---

Essa dissertação será desenvolvida em formato de artigos científicos. Em primeiro lugar, será realizada uma *Introdução geral*, cujo propósito é demonstrar ao leitor do que se trata a problemática.

No decorrer do trabalho, se encontram os dois artigos. O primeiro tem como objetivo uma caracterização sociodemográfica da amostra. O segundo aborda um estudo empírico avaliando as dimensões de apego ansioso e evitativo com a imprevisibilidade familiar e comportamentos de risco, sob uma perspectiva evolutiva.

Após os artigos, será apresentada a seção de *Considerações finais*, tendo como objetivo analisar os resultados de maneira ampliada, considerando as reflexões acerca do trabalho. As *Referências gerais* dizem respeito às fontes selecionadas para a *Introdução geral* e *Considerações finais* e permitirão ao leitor aprofundar-se no tema, caso seja do seu interesse.

E, finalmente, serão mostrados os *Anexos* que foram citados no decorrer dessa dissertação.

## 2 INTRODUÇÃO GERAL

---

A situação de rua por si só já traz diversos prejuízos para o indivíduo em se tratando de exposição a riscos. Desde a falta de uma acolhida noturna a ambientes envoltos em drogas e conflitos, a rua é um desafio diário, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Atualmente, existem estudos preocupados com esses riscos diretos e os iminentes, entre eles o comportamento suicida (Castro, Azevedo, Padilha, Dias, & Botti, 2019), estigmas e invisibilidade (Pimenta, 2019), enfrentamento da pobreza (Silva & Ramos, 2019), violência urbana e suposta segurança pública (Raiol & Nonato, 2019), bem como prevalência de doenças, como hepatite, por exemplo (Silva et al., 2019). Para além dos riscos externos, existem também os riscos nos quais o sujeito pode vir a prejudicar a si mesmo infligindo-se dor ou sofrimento, direta ou indiretamente, como por exemplo a exposição a conflitos com agressões físicas ou mesmo o uso e abuso de substâncias lícitas e ilícitas que podem ir prejudicando, pouco a pouco, sua saúde e convivência saudável em sociedade.

Em um contexto de vulnerabilidade, as escolhas reprodutivas podem sofrer alterações. Segundo Penke e Asendorpf (2008), que avaliaram aspectos sociosexuais em seu trabalho, o contexto de maneira geral influencia a sexualidade humana. Na situação de rua, por se tratar de um evento atípico, existe a possibilidade de risco também à própria prole, o que invariavelmente irá influenciar na tomada de decisões em relação às estratégias reprodutivas, nem sempre conscientemente. Considerar os diferentes tipos de relações e estratégias sexuais adotadas ao longo da evolução da nossa espécie é pensar também no que leva a essa manutenção, o que colabora para a facilitação desses processos ou interrupção de relações e ainda envolver a afetividade ao longo do desenvolvimento.

A combinação de tendências à preferência por relacionamentos de curto prazo (relacionamentos mais breves, menos duradouros) ou longo prazo (maior investimento na relação, relações mais firmes apresentando a possibilidade de duração significativa) (Buss & Schmitt, 2019) nas estratégias sexuais são diretamente conectados a fatores como grau de atratividade, beleza física, aparência saudável, simetria facial, entre outros. Esses fatores aumentam as chances de relacionamentos com indivíduos saudáveis e que, por conseguinte, podem gerar uma melhor prole, facilitando o sucesso reprodutivo (Adamo & Spiteri, 2009; Jones, et al., 2004; Johnston, Hagel, Franklin, Fink, & Grammer, 2001; Komori, Kawamura, & Ishihara, 2009; Singh, 2002). Nos indivíduos que se expõem mais a riscos ou estão mais vulneráveis, como é o caso das pessoas em situação de rua, existem variações mais claras nessas

características, permitindo identificar de maneira mais rápida riscos que comumente podem passar despercebidos da população em geral no cotidiano: o uso de álcool e outras substâncias ilícitas combinado a uma sexualidade possivelmente potencializadora de riscos, além da chance de ocorrer uma agressão física durante a noite, enquanto se tenta dormir na rua, por exemplo. Tudo isso enquanto se busca alimento, água e abrigo contra chuvas. Em outros grupos populacionais, esses riscos ocorrem geralmente de maneiras separadas ou em combinações menos nocivas (Cederbaum et al., 2013). Se manter saudável e com boa aparência dentro desse grupo populacional é um grande desafio.

Comportamentos sexuais de risco têm se mostrado como fator presente na vida de homens em situação de rua (Kennedy, Brown, Tucker, Golinelli, & Wenzel, 2013). Atualmente na literatura existem vários estudos que tratam da questão de comportamentos sexuais de risco, exposição a ISTs e vida sexual que pode comprometer diretamente a saúde desses indivíduos na rua (Borges, 2004; Brito, Parra, Facchini, & Buchalla, 2007; Garcia, 2013; Pinto et al., 2014). Seria possível, ainda assim, tentar supor que estes indivíduos que não enfrentam condições de paridade nas escolhas sexuais, serão tão facilmente escolhidos como quaisquer outros ou ainda que irão conseguir manter relacionamentos estáveis? Compreender o processo de desenvolvimento e manutenção de escolhas sexuais é um dos objetivos da psicologia evolucionista, a qual baseia este trabalho.

Alguns estudos têm se preocupado em avaliar, por exemplo o uso de substâncias, comportamentos de risco e as dimensões de apego (Ahrens, Ciechanowski & Katon, 2012), tendo verificado que o apego evitativo tinha relação com a maior chance de ser fumante ou não usar o cinto de segurança regularmente. Ainda, o apego ansioso esteve relacionado com o aumento da chance de ter sexo com parceiros sem conhecer a história prévia de vida dos mesmos. Há também o estudo de Golder, Gillmore, Spieker e Morrison (2005) que encontrou diferenças no estilo de apego correlacionadas ao uso de substâncias e problemas comportamentais, possivelmente mediados por estresse psicológico. Além disso, outro trabalho encontrou coerência no padrão de associações negativas entre apego/competências e problemas no uso de substâncias (Bell, Forthun, & Sun, 2009).

Em se tratando de situação de rua, há de se pensar ainda nas relações familiares prévias, uma vez que poucos tiveram a rua diretamente como berço. Muitos tiveram experiências familiares, muitas vezes casamentos, empregos e meios de subsistência diversos. A imprevisibilidade familiar na infância das pessoas em situação de rua pode ser um caminho para compreensão de comportamentos presentes no espectro atual. Esse tipo de imprevisibilidade surge como um sistema de regulação familiar e, muito particularmente, o sub-sistema parental

(Alarcão & Gspar, 2007). Entre definições de imprevisibilidade familiar, uma delas diz respeito a uma falta de consistência nos comportamentos e sistemas regulatórios da família e tem sido associada a um funcionamento familiar desajustado, especialmente em famílias de risco (Correia, 2012). Avaliar esse fator na população em situação de rua em termos da imprevisibilidade de cuidados/apoio e recursos financeiros pode ser a chave para uma maior compreensão da influência das relações de afeto em consonância com variações ambientais.

## **Apego e Relações Afetivas**

De acordo com Tony, Salvo, Marins e Weber (2004), por pressões naturais do ambiente, os bebês humanos demandavam cuidados constantes de seus ancestrais e por este motivo necessitavam dos cuidados parentais. As fêmeas, sabendo que precisavam manter os machos por perto, passaram a diminuir as pistas dos seus períodos férteis, gerando incertezas e estando sempre prontas para copular. Desta forma, as chances de sucesso reprodutivo aumentavam consideravelmente, uma vez que este depende não somente do fator “procriação”, mas também da reprodução de sua própria prole na vida adulta, pois assim haverá o repasse dos genes adiante. Dito isto, os autores relatam ainda que a partir desta aproximação entre os sujeitos envolvidos no processo de reprodução, pode ser dado início ao amor parental, que depende de alguns fatores mínimos: relação entre genitores e a criança, grau de certeza do parentesco genético pai-filho, atributos fenotípicos da criança, indicadores situacionais de aptidão da criança, das alternativas reprodutivas da mãe e oportunidades de investimento do pai e da mãe na própria prole. Aqui, torna-se importante ressaltar que todas estas relações acabam se tornando retroalimentadas entre si e necessitam de combustível constantemente para que o afeto possa se estabelecer e se manter. E assim sendo, o bebê não é somente um sujeito estático esperando os afetos, também interage e demonstra interesses a seu próprio modo.

Bowlby (1988) relata que apego é um tipo de vínculo afetivo biologicamente inato entre os humanos que tem por objetivo a busca pelo estreitamento e proximidade com outros indivíduos – figura ou objeto de apego –, identificado como alguém que auxilia e oferece respostas, proporcionando assim uma sentimento de segurança e conforto, bem como uma sensação de maior preparação para lidar com as demandas do mundo. A partir deste pontapé, diversos teóricos voltaram olhares para o início dos estabelecimentos de vínculos e como isso poderia alterar o curso das relações desde a mais tenra infância, até o decorrer completo do desenvolvimento humano. Assim, desde então, diversos estudos têm se preocupado ainda em

avaliar a influência dos estilos de apego nas relações afetivas (Consoli, Bernardes, & Marin, 2018; Costa & Fonsêca, 2017; Martellet & Siqueira, 2017; Murta et al., 2019), apontando a importância desta característica que surge muito cedo na vida dos animais humanos e pode perdurar durante toda a vida. Em especial nas relações afetivas românticas, o papel do apego pode ser fundamental para uma compreensão mais ampla tanto dos fatores envolvidos nas escolhas quanto na manutenção de estratégias sexuais.

John Bowlby, por conceber o vínculo de apego como uma estratégia de evolução fundamental do *Homo sapiens*, nos mostra que este é importante para facilitar a manutenção da criança ao redor de um membro adulto da cultura (Gomes, 2011). Desta maneira, é irrefutável o fato de que este teórico contribuiu de maneira significativa para diversas áreas de estudo do conhecimento, entre elas a ecologia comportamental, por meio de suas considerações levando em conta não somente aspectos evolucionistas, como também culturais e sociais. O mesmo Bowlby (1976) destacou ainda a importância destas primeiras trocas de afeto, especialmente entre mãe-bebê e refere que a troca insuficiente nesta díade poderia vir acarretar prejuízos para o infante. A angústia e necessidade constante de amor são alguns dos possíveis resultados de uma relação de apego pouco estruturada (Carvalho, 2018). Percebemos, desta forma, que os autores nos trazem um panorama da importância da compreensão do fator apego e da sua repercussão que se inicia desde muito cedo, atingindo inclusive a vida adulta e relações futuras.

Por ser comprovado que os estilos de apego podem influenciar diretamente na vida adulta e relações afetivas amorosas, estudos na literatura envolvendo escolhas de parceiros em conjunto com as dimensões do apego (Borrione & Lordelo, 2005; Semensato & Bosa, 2013; Silva, Menezes, & Lopes, 2010) têm sido avaliados, bem como também podemos nos deparar com trabalhos envolvendo apego, vínculo e relações familiares (Carvalho, Bastos, & Rabinovic, 2006; Moura, 2012; Semensato & Bosa, 2014).

Shiramizu e Lopes (2013) citam, ao observar o conceito de apego, que indivíduos com dimensão de apego seguro possuem mais confiança, segurança, maior independência e comprometimento quando comparados com indivíduos apresentando dimensão de apego inseguro. Natividade e Shiramizu (2015) demonstram como os conceitos relacionados ao apego podem variar, de acordo com as relações prévias e as experiências vivenciadas, bem como denominam os diferentes tipos de dimensão do apego: no apego seguro, percebe-se a relação com o parceiro como mais segura, confiável. No apego inseguro ansioso (cuidados inconsistentes na infância), existe uma maior necessidade de vontade de reciprocidade e união com o parceiro romântico. E por fim, no apego inseguro evitativo (cuidado insensível durante a infância), há incômodo com a presença física e emocional do parceiro. Com estas ponderações

dos autores, fica o questionamento relacionado ao cruzamento destas variáveis e a forma como se relacionam com os mais diversos sujeitos e contextos. Uma revisão de literatura atual (Becker & Crepaldi, 2019) reflete acerca das relações afetivas na infância e sobre como podem vir a repercutir no estilo de apego do indivíduo no decorrer do seu ciclo vital. Os autores reforçam a ideia de que o modo como a criança constrói modelos e visão de mundo de si mesma e dos outros, da mesma forma leva isso para as relações. Relembrem ainda da premissa básica de que a satisfação conjugal estaria relacionada ao tipo de apego do indivíduo, estando este estabelecido e vinculado às suas primeiras experiências de cuidados, bem como aos seus primeiros cuidadores (Semensato & Bosa, 2013). Apesar da importância do apego e suas repercussões, cabe ressaltar outro fator igualmente importante na compreensão evolucionista das interações humanas: a seleção sexual. Ambos fazem parte da explicação de repercussões comportamentais que podem perdurar por vários anos e influenciar na personalidade dos indivíduos envolvidos.

## **Seleção Sexual**

A temática de seleção sexual, em termos de escolha de parceiros e as estratégias envolvidas têm sido tema de estudo por diversas décadas, até os dias atuais, abrangendo diversas espécies diferentes (Fleming, 1996; Henshaw, 2018; Howard, 1978; Janetos, 1980; Parker, 1978; Waynforth, 2007). A hipótese da dualidade nas estratégias sexuais propõe que mulheres realizam suas escolhas de maneira diferente dos homens (Muggleton & Fincher, 2017). Esta diferenciação, a depender de circunstâncias diversas e do ambiente, é denominada Teoria das Estratégias Sexuais (Buss & Schmitt, 2016). É importante frisar que esta teoria não exclui as similaridades nas estratégias entre homens e mulheres, porém não é o seu foco. Os processos de competição intra e intersexual foram descritos por Darwin inicialmente como mecanismos chave de acordo com os quais as vantagens no processo de seleção poderiam ocorrer (Buss & Schmitt, 2019).

Quando falamos de reprodução sexual das espécies, nenhuma decisão é mais importante que a escolha de um parceiro (Buss & Schmitt, 2019). A temática da seleção sexual a partir da escolha de parceiros traz grandes questionamentos quanto à formação de pares, manutenção de comportamentos e, acima de tudo, acerca do sucesso reprodutivo. Tanto em humanos quanto em animais não humanos, as estratégias de acasalamento representam um conjunto de adaptações evolutivas que visam promover a aptidão individual por meio da reprodução com

os melhores parceiros possíveis (Marzoli, Havlíček, & Roberts, 2018). Com base nesta concepção, torna-se essencial observar os impactos, influências e consequências das características das estratégias sexuais. Contudo, os impactos das estratégias sexuais são pouco conhecidos quando relacionados às dinâmicas populacionais, interação entre as espécies e a composição comunitária (Candolin, 2019). Borrión e Lordelo (2005) trazem que a Teoria das Estratégias Sexuais e sua complexidade se relacionam diretamente com os objetivos específicos para solucionar problemas de acasalamento oriundos do ambiente evolucionário de adaptação da história humana. Os autores afirmam ainda que o tipo de estratégia vai depender do ambiente. Assim sendo, cabe compreender um pouco mais a fundo como tudo começou para entendermos como escolhemos hoje, bem como os motivos de adoção de alguns comportamentos em detrimento de outros.

Darwin (1859), ao formular a Teoria de Seleção Natural, a qual assegura que as características mais bem adaptadas eram passadas às próximas gerações, por fornecer vantagem na luta pela sobrevivência e reprodução a alguns organismos, trouxe inovações para o mundo científico. Ainda segundo Darwin (1871), a questão da formação de pares reprodutivos ocorre a partir de dois componentes: competição dentro do mesmo sexo por parceiros do sexo oposto e a escolha diferencial em relação aos membros do sexo oposto, nos quais machos competem entre si pelo acesso a fêmeas e fêmeas escolhem uns machos em detrimento de outros. Esse conceito corresponde à Teoria de Seleção Sexual, que surgiu em 1871 (Buss & Schmitt, 2019).

Trivers (1972) ressalta que sobretudo em se tratando de espécies que, como a nossa, apresentam uma longa fase de dependência em seu desenvolvimento, o investimento/cuidado parental é fundamental para a prole. O cuidado com os descendentes durante a fase que precede a idade reprodutiva tende a aumentar o sucesso reprodutivo dos pais, devido às maiores chances de sobrevivência da prole até atingir a idade reprodutiva. Múltiplas possibilidades de interação e cuidado geram interações sexuais diversificadas e representam um importante papel na especificação genética (Aubier, Kokko, & Joron, 2018). A partir desta perspectiva torna-se fácil compreender o olhar de Darwin e o interesse da ciência na compreensão de um fator fundamental para a continuidade de diversas espécies. Uma vez que as espécies competem inter e intrasexualmente por parceiros (Geary, Vigil, & Byrd-Craven, 2004; Buss & Schmitt, 2018), temos que as especificações relacionadas a formas de interação, estratégia e diversidade levando a diversos tipos de combinações sexuais e, possivelmente, modificações genéticas, tornam-se inúmeras.

Gangestad e Simpson (2000) propuseram que a variação na configuração dos relacionamentos românticos, especificamente falando em seres humano, pode ser, em parte,

compreendida à luz da Teoria das Estratégias Pluralísticas que inclui os elementos ambientais como uma forte variável em nossas escolhas, bem como o valor do indivíduo no mercado biológico de acasalamento que realiza a escolha. Percebe-se, desta forma, uma complementaridade entre as teorias e seus propositores nas explicações das estratégias e variáveis envolvidas na escolha de um(a) parceiro(a) e optar pela manutenção ou não desta relação. Segundo Buss e Schmitt (1993), no contexto evolutivo, o sucesso reprodutivo dos machos era percebido pelo número máximo de fêmeas que ele conseguisse inseminar. Já para as fêmeas, esse fator não era percebido pelo número de machos e sim pela qualidade e quantidade de recursos para si e seus filhotes, e secundariamente pela qualidade dos genes dos parceiros. Essas teorias são sujeitas a adaptações atualmente, levando-se em consideração o pluralismo estratégico possível. Assim sendo, em ambientes com alto índice de patógenos, as fêmeas podem dar preferência a parceiros com melhores genes em primeiro lugar, por exemplo. Com base nas ideias iniciais, supõe-se que os machos, inclusive os homens, irão optar por estratégias de curto prazo a partir da qual podem gerar maiores chances de mais mulheres obtendo ainda mais prole. Contudo, esse tipo de comportamento pode gerar consequências desadaptativas e conflituosas no sentido de autopreservação, como é o caso da transmissão de doenças sexualmente transmissíveis (Buss & Schmitt, 1993).

Buss e Schmitt (2019) especificam o que Darwin via como competição intrasexual e intersexual, sendo a intra (1) os elementos hereditários que expressivamente estivessem relacionados com o sucesso na competição *entre indivíduos do mesmo sexo* seria repassado às gerações futuras. Já na competição intersexual (2), segundo os mesmos autores e a partir da visão do pai da teoria evolução, o caso seria um pouco mais complexo. Trata-se, basicamente, das questões envolvidas no quesito “escolha preferencial” ou em outras palavras: observar os parceiros do sexo oposto e analisar a melhor opção entre as disponíveis. Para esta compreensão, Buss e Schmitt (2019) alertam que três elementos são indispensáveis: 1) Deve existir um mínimo consenso (que não é necessariamente racional) nas qualidades desejadas no sexo oposto. Este, apontam, não precisa ser unânime; 2) As qualidades desejadas devem ser parcialmente hereditárias; 3) O processo descrito precisa ser repassado a gerações o suficiente a ponto de que se tenha efetivamente uma mudança evolutiva. É possível notar, então, um processo sequencial e de múltiplas camadas no que se refere à compreensão de direcionamentos evolutivos.

Apesar de vermos na prática muitas relações de curto prazo e/ou sexo sem compromisso, a presença do amor e conseqüentemente relacionamentos de longo prazo na história podem ser datados desde a antiguidade até os dias atuais através da história da literatura (Shiramizu &

Lopes, 2013). A escolha de parceiros românticos combina, portanto, também aspectos sociais envolvidos no amor e suas possibilidades, uma vez que seres humanos são seletivos quando se trata de escolher com quem irão se relacionar, especialmente no quesito de escolha de parceiros românticos (Mafra, Castro, & Lopes, 2016).

Os princípios basilares da questão de escolha de parceiros permanecem em constante observância de pesquisadores e objeto de estudos de diversas pesquisas ao redor do mundo. Os princípios, influências, repercussões e resultados a longo prazo são alguns fatores imprescindíveis para uma compreensão macro dos motivos que levam à luz o comportamento reprodutivo para além de um simples ato mecânico.

## 3 OBJETIVOS

---

### 3.1 Objetivo geral

Esse trabalho teve como objetivo investigar o perfil dos homens em situação de rua da cidade de Natal, Rio Grande do Norte, em parâmetros sociodemográficos, além de investigar os componentes relacionados a comportamentos de risco, dimensões de apego e imprevisibilidade familiar. Em contrapartida, a partir de medidas indiretas, avaliar características de curto e longo prazo de relacionamentos românticos.

### 3.2 Objetivos específicos

1. Identificar o perfil sociodemográfico dos homens em situação de rua acompanhados pelo Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua da cidade de Natal/RN (*Artigo I – Estudo empírico 1*).
2. Investigar o histórico de imprevisibilidade familiar no que tange aos aspectos de cuidado e recursos nos homens em situação de rua. (*Artigo II – Estudo empírico 2*).
3. Avaliar as dimensões de apego de ansiedade e evitação de homens em situação de rua acompanhados pelo Centro Pop de Natal/ RN (*Artigo II – Estudo empírico 2*).
4. Avaliar os riscos aos quais estão submetidos os homens em situação de rua da amostra estudada. (*Artigo II – Estudo empírico 2*).
5. Investigar possíveis características relativas a tendências a relações de curto e longo prazo a partir de características sociodemográficas e de dimensões do apego. (*Artigo II – Estudo empírico 2*).

## 4 HIPÓTESES E PREDIÇÕES

---

**4.1 Hipótese 1:** Homens em situação de rua apresentarão propensão a relações mais estáveis (longo prazo).

*4.1.1 Predição 1:* Avaliando as dimensões de apego, os homens em situação de rua, provavelmente devido ao número menor de mulheres na mesma situação em termos proporcionais, tenderão a apresentar níveis elevados de ansiedade relacionada ao apego em se tratando de relacionamentos românticos. Também supomos que o último relacionamento será tido como de longo prazo e a quantidade de parceiros nos últimos doze meses será pequena.

**4.2 Hipótese 2:** A disposição a estratégias de relações mais estáveis (longo prazo) está relacionada à propensão ao risco.

*4.2.1 Predição 2:* Os homens que apresentarem tendência a preferir relações de maior proximidade, irão se expor menos a riscos.

**4.3 Hipótese 3:** As relações familiares prévias têm efeito nas estratégias reprodutivas.

*4.3.1 Predição 3:* Indivíduos que apresentaram relações familiares mais consolidadas irão apresentar tendência a também desejar proximidade de um parceiro ou parceira para constituição familiar, avaliado a partir da dimensão ansiedade relacionada ao apego.

**Perfil sociodemográfico dos homens em situação de rua de Natal/RN, Brasil**

Autores:

Everton Xavier de Lima<sup>1</sup>

Fívia de Araújo Lopes<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Laboratório de Evolução do Comportamento Humano - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

## **Perfil sociodemográfico de homens em situação de rua de Natal/RN, Brasil**

<sup>1</sup>Everton Xavier de Lima

<sup>1</sup>Fívia de Araújo Lopes

<sup>1</sup>Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Laboratório de Evolução do Comportamento Humano - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

### **Resumo**

O fenômeno da situação de rua está presente em todo o mundo e preocupa autoridades e estudiosos em níveis crescentes. O presente estudo visou descrever o perfil dos homens em situação de rua de Natal/RN, baseado em suas características sociodemográficas e investigar os aspectos mais relevantes em termos de vivência na rua, exposição a riscos e preferências em parceiros(as). Os participantes foram recrutados no Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua de Natal/RN. Os dados foram coletados através de questionários sobre informações sociodemográficas e sobre a trajetória do público masculino no que se refere ao histórico pessoal de vida, percepção de relacionamentos românticos e uso e abuso de substâncias psicoativas. Os dados foram analisados utilizando-se de estatística descritiva. Na amostra de 136 sujeitos, observamos média de idade de 37,5, além da predominância da baixa escolaridade, mais de quatro anos na rua, porém com contatos familiares de maneira geral; além disso, houve presença de consumo de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas marcante, bem como autorrelato acerca do uso do preservativo nas relações sexuais oscilante, apesar do relato do acesso à informação acerca dos benefícios do uso.

**Palavras-chave:** Pessoas em situação de rua, moradores de rua homens, características sociodemográficas, características socioeconômicas.

A problemática das pessoas em situação de rua se estende por diversos países, tanto os desenvolvidos quanto os em desenvolvimento. O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) considera como pessoa em situação de rua o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular (Brasil, 2009). Ao ocuparem espaços públicos e área insalubres como locais de permanência, esta população encontra-se, usualmente, marginalizada e invisível. Este fenômeno social abrange múltiplas determinações, tornando-se um elemento de extraordinária importância na compreensão da pobreza (Silva, 2006). Torna-se um intenso desafio, atualmente, precisar a quantidade de pessoas nessa situação no país, uma vez que não são abarcados pelo principal órgão realizador de censos demográficos, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por não terem casa (Rosa, Cavichioli & Brêtas, 2005). Contudo, em pesquisa realizada no ano de 2015 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), estimou-se 101.854 pessoas em situação de rua no Brasil. Desde então, com o agravamento do desemprego e dificuldades enfrentadas cotidianamente por milhares de pessoas, acredita-se que este número pode ser bem maior. Ainda assim, nem o censo demográfico decenal, nem as contagens periódicas incluem entre seus objetivos sequer a averiguação do número total da população não domiciliada (Natalino, 2016). É fácil perceber a importância da verificação constante dos status sociais e da demografia desta população quando nos deparamos com conteúdo de diversas áreas do conhecimento como enfermagem, psicologia, serviço social (Castro, Andrade, & Chernicharo 2018; Winkelmann, Lopes, Heidemann Fernandes, & Dalmolin, 2018; Cunha, Garcia, Silva, & Pinho 2017; Oliveira et al., 2018; Santos, 2019), entre outras, interessadas em trazer este público mais para perto dos olhares da sociedade.

As políticas públicas nacionais para as pessoas em situação de rua constituíram-se muito recentemente na história brasileira, como é o caso do decreto 7.053 (Brasil, 2009), que dispõe sobre a Política Nacional para a População em Situação de Rua, buscando reforçar a proteção do Estado a partir da garantia dos direitos (Santos, 2018). De acordo com censo do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) realizado no ano de 2017, existem atualmente no Brasil 230 Centros Pop, distribuídos em 25 Unidades Federativas, de acordo com as instituições cadastradas no cadastro SUAS (CadSUAS) (Brasil, 2018). A necessidade de tantas instituições especializadas no país reforça a necessidade de constante vigilância quanto aos cuidados relacionados às pessoas em situação de vulnerabilidade. Estão equivocados os que pensam, todavia, que este é um problema único dos países subdesenvolvidos. Há uma crise constante na Europa e América do Norte, por exemplo, com relação a problemas relacionados à moradia e

peças sem teto. A União Europeia, preocupada com a situação, criou a *European Federation of National Organisations Working with the Homeless* (FEANTSA, n.p), instituição para lidar diretamente com a problemática das pessoas em situação de rua, tendo as discussões iniciais se iniciado ainda na década de 90. A organização declara que tem como propósito o trabalho em conjunto, visando encerrar a situação de rua na Europa (FEANTSA, n.p). Porém, assim como no Brasil, existem diversos desafios, entre eles a dificuldade na estimativa precisa da população nestas condições, mas estimam no mínimo 410.000 pessoas. Nos Estados Unidos, a crise das pessoas sem moradia é uma constante há alguns anos. Portais de notícias nacionais e internacionais no ano de 2018 noticiaram a situação como uma verdadeira “bomba relógio” e uma estimativa do Departamento de Habitação e Desenvolvimento Urbano coloca em média 553.742 pessoas nas ruas naquele país no ano de 2017 (G1, 2018). Em outras palavras, somando estes números dos últimos anos, podemos apreender que mais de um milhão de pessoas encontram-se nas ruas e sem perspectivas de mudanças de vida a curto prazo, nestes países em questão. Esses dados mostram porque muitos países ainda necessitam de esforços conjuntos e diários para lidar com uma problemática grave, persistente e cruel na nossa sociedade atual.

A caracterização sociodemográfica da população em situação de rua não é tão comum nos estudos encontrados na população adulta. Possivelmente isso ocorre pela dificuldade de acesso a dados, censos atualizados e estudos consistentes. Todavia, existem diversos estudos acerca de crianças e adolescentes que se encontram nestas condições, apresentando dados mais sólidos sobre os números e ações (Alves et al., 2002; Resende, 2017; Santana, Raffaelli, Koller, & Morais 2018; Silva et al., 1998). Existem, ainda, até mesmo dados relativos à área de saúde e das políticas públicas envolvidas nesta categoria (Almeida, 2017; Lima et al., 2018; Oliva et al., 2019; Silva, 2018;). Essas informações apontam para a importância de levar em consideração a necessidade de projetos mais efetivos com relação a ações concretas para mudança da situação de rua e, para que isso seja possível, é necessária a compreensão dos fatores demográficos e situação atual da parcela da população sem moradia nas vias públicas. Conforme Lima (2018) aponta, os estudos com esta população adulta são prejudicados por serem ocasionais e as pesquisas censitárias ocorrem sem a periodicidade necessária, afetando diretamente a construção de políticas públicas adequadas. O Brasil, para chegar a um nível mínimo de solução para essa problemática social, ainda se encontra distante, uma vez que estes fatores se correlacionam diretamente com a dialética entre o fenômeno investigado e as modificações constantes proporcionadas pelo capitalismo contemporâneo (Lima, 2018).

Apesar de existirem iniciativas como a de Bursztyń (2000), discutindo a necessidade de efetivação e concretude de ações voltadas à população em situação de rua, ainda muito se tem

a fazer. Dados insuficientes, dificuldades de elaboração de instrumentos precisos e adaptados para a população (por apresentarem especificidades em detrimento da população adulta no geral), além do desafio de locais apropriados para entrevistas e manutenção do sigilo, bem como conquistar a confiança a partir da explicação da motivação para a pesquisa, são alguns dos desafios enfrentados ao direcionar pesquisas para as pessoas que se encontram nessa situação de vivenciar as ruas.

É imprescindível ressaltar que o ambiente pode atuar diretamente nos comportamentos dos indivíduos, modulando-os, a partir de uma adaptação às novas condições. Esse fator também deve ser levado em consideração ao se pensar sobre as estratégias de sobrevivência, cuidados consigo mesmo e com o outro, bem como nos vícios e vida sexual. As experiências humanas quando se tratam de necessidades básicas estão todas interligadas. A necessidade de alimentação irá levar, necessariamente, a uma outra de conquistar mais alimentos, se manter seguro enquanto manipula a comida, bem como, possivelmente, ter o suficiente para si e para oferecer a parceiros sexuais e aliados, se for o caso. Levando em consideração as dificuldades práticas, não é de se esperar condições de vida saudáveis e adequadas diante de tantas violações de direitos e pouca perspectiva de mudança a médio e longo prazo.

O cuidado no trato e manejo de informações da PSR é um outro fator considerável, motivo pelo qual esses autores reforçam a necessidade de não generalização desta população, uma vez que tal atitude dificulta ainda mais as políticas públicas e os estudos envolvidos. Nossa premissa é de que coletando informações sobre o perfil dos homens em situação de rua no estado, torna-se possível o maior conhecimento de dados a serem utilizados no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento, conscientização social e política, o que pode alavancar os esforços para tirar o estigma de marginalização desta população, assim como sua *invisibilidade*.

Com base no que foi apresentado, podemos observar que é relevante descrever e investigar populações que se encontram nas ruas, independentemente do tempo nessa situação e das condições que as levaram até lá. Assim, este estudo vem com o intuito de apresentação de dados sociais e demográficos da população em situação de rua, especialmente a acompanhada pelo Centro de Referência Especializado em Pessoas em Situação de Rua, na cidade de Natal/RN, mais conhecido como Centro Pop. Nossa análise incluirá também a identificação de comportamentos e situações considerados mais comuns na vida de homens em situação de rua que remetam a situações de risco potencial enfrentadas.

## **Materiais e métodos**

### *Delineamento da pesquisa*

Este estudo tem uma abordagem transversal, desenvolvida com homens em situação de rua atendidos no Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua (Centro Pop) em Natal/RN. Os dados foram coletados entre o período de abril e novembro de 2018. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (CAAE: 85615318.1.0000.5537. Parecer: 2.803.195) (Anexo A).

### *População do estudo*

O estudo foi conduzido na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, com homens em situação de rua em um centro voltado para este público, vinculado à prefeitura do município de Natal/RN, o Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua (Centro Pop). Os voluntários foram abordados e convidados a fazer parte da pesquisa, de forma aleatória, por meio de questionários.

Os 136 participantes foram definidos de acordo com as diretrizes dos critérios de inclusão, a saber: idade entre 18 e 59 anos, sem diagnóstico de transtorno mental persistente e incapacitante, sem uso abusivo de substâncias a ponto de prejudicar a cognição, concordância e aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo B).

### *Coleta de dados*

A coleta de dados referente à amostra aconteceu após assinatura ou coleta da impressão digital para os não alfabetizados no TCLE a partir de dois questionários. Primeiramente, tivemos o questionário PenSE, elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015) para acesso a comportamentos de risco (Anexo C). Este abarcou questões como: uso de cigarro, uso de álcool, outras drogas ilícitas, saúde sexual e reprodutiva, bem como cuidados com a própria segurança, totalizando, desta forma, cinco fatores observados. O instrumento, a princípio, foi elaborado para adolescentes brasileiros, avaliando seus comportamentos destoantes. Contudo, como anteriormente citado, foi adaptado ao público em situação de rua, devido aos fatores estudados também serem vivenciados por este público. Em seguida utilizamos o questionário sociodemográfico (Anexo D) que nos permitiu acesso a informações básicas do participante (como nome, idade, escolaridade, renda, estado civil, entre outros), bem como seu histórico na rua e com parceiros(as), construído pelo próprio pesquisador responsável. Aqui foi importante avaliar a forma na prática dos relacionamentos afetivos, se de curto ou longo prazo, para possibilitar uma compreensão ampliada dos tipos de vínculos

estabelecidos e visão dos próprios sobre relações afetivas.

### *Análise de dados*

A análise foi feita por meio de estatística descritiva. O objetivo principal da análise foi verificar as informações referentes a idade, estado civil, nível de escolaridade, o tempo em situação de rua, uso e abuso de substâncias, bem como autorrelato e autopercepção enquanto dependentes ou não de substâncias psicoativas. Além disso, avaliamos o tempo do último relacionamento afetivo e as opiniões acerca do que representa um relacionamento de curto e um de longo prazo. O quesito renda dos participantes foi desconsiderado durante a análise devido à extrema variância, indo de zero a mais de um salário mínimo entre o relatado pelos mesmos. No que se refere a saúde sexual e reprodutiva, foram observados aspectos como o uso do preservativo, diagnósticos de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e o relato de conhecer ou não informações sobre tais doenças e distribuição gratuita de preservativos na rede de saúde. Para a estatística descritiva foi utilizado o *software* Excel em sua versão 2019.

### **Resultados e Discussão**

Para facilitar a compreensão, os resultados foram divididos em categorias (domínios): Histórico pessoal, Percepção de Relacionamentos, Uso e abuso de substâncias, Saúde sexual e reprodutiva. Na Tabela 1, estão listadas as questões extraídas dos questionários e agrupadas nos domínios citados.

Tabela 1 – *Questões Seleccionadas para Análise e Estatística Descritiva Dentro dos Domínios Histórico Pessoal, Percepção de Relacionamento e Uso e Abuso de Substâncias*

<b>Domínios</b>	<b>Questionamentos</b>
Histórico pessoal	Q1. Idade
	Q2. Período total em situação de rua
	Q3. Tempo sem contato com a família
	Q4. Estado civil
	Q5. Escolaridade
Percepção de Relacionamentos	Q6. Opinião acerca do tempo que representa um relacionamento de curto prazo
	Q7. Opinião acerca do tempo que representa um relacionamento de longo prazo
	Q8. Tempo do último relacionamento
	Q9. Quantidade de Parceiras(os) nos últimos 12 meses
Uso e abuso de substâncias	Q10. Uso prévio de álcool
	Q11. Uso prévio de cigarro
	Q12. Uso prévio de substâncias ilícitas
	Q13. Acerca da dependência de álcool
	Q14. Acerca da dependência de cigarro
Saúde Sexual e Reprodutiva	Q15. Acerca da dependência de substâncias ilícitas
	Q16. Uso do preservativo nos últimos 12 meses
	Q17. Diagnóstico anterior de ISTs
	Q18. Tempo de diagnóstico anterior
	Q19. Orientação prévia quanto a ISTs
	Q20. Orientação prévia quanto ao acesso a preservativos gratuitos

### ***Histórico Pessoal***

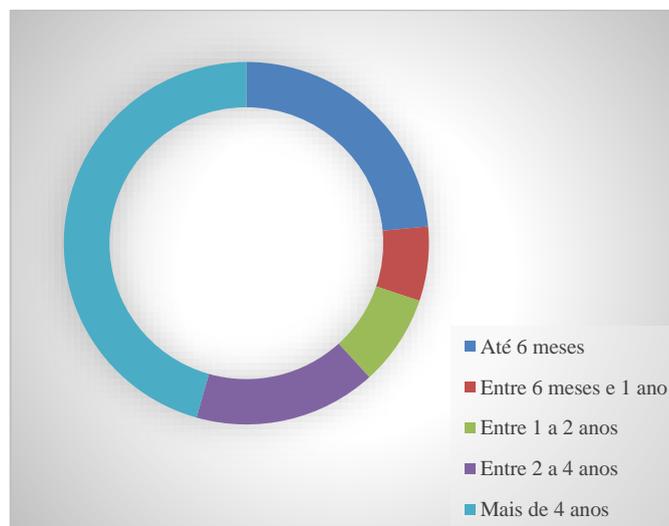
#### ***Idade***

A média de idade dos participantes estudados foi de 37,5 anos. Este dado nos remete a uma reflexão acerca da proximidade da meia idade na rua. O estudo de Sousa (2018), na cidade de Parnamirim/RN, mas somente com 35 participantes, caracterizou os participantes de meia

idade, de 45 a 60 anos de idade como predominantes (47,5%), seguido dos adultos maduros de 32 a 44 anos de idade (34,3%). Por se tratar de um estudo recente de um município próximo à cidade de Natal, e levando em consideração que o presente estudo obteve mais de cem participantes além da amostra da autora citada, encontramos uma corroboração da literatura por meio deste e de outros estudos (Botti et al., 2010) confirmando a proximidade da meia idade como predominante. E aqui torna-se importante refletir sobre o envelhecimento e aproximação da meia idade na rua a partir de um olhar crítico sobre condições sociais e de saúde presentes no cotidiano dos mesmos.

#### *Período total em situação de rua*

Encontramos uma proporção da maior parte da amostra vivendo há quatro anos ou mais na rua, o que representa cerca de 45,58% da população em situação de rua masculina estudada, 23,53% estão na rua recentemente: até seis meses. Já entre seis meses e um ano, tivemos um total de 6,62%, entre um e dois anos 8,09% e entre dois a quatro anos, 16,18% (Figura 1).

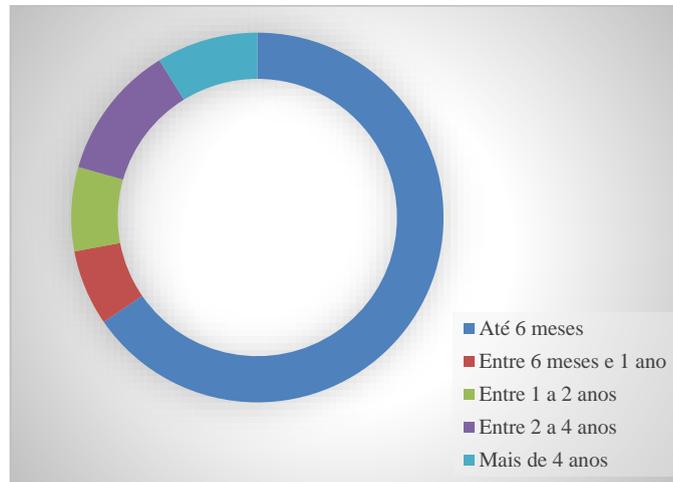


*Figura 1:* Número de participantes de acordo com o seu tempo de permanência em situação de rua

#### *Tempo sem contato com a família*

A maioria da amostra afirmou que tem no máximo até seis meses sem contato com a família (65,44%). Por sua vez, 6,62% tem entre seis meses e um ano sem falar com qualquer familiar. Já entre um a dois anos, tivemos um total de 7,35% e entre dois a quatro, 11,77%. O público que referiu mais de quatro anos sem responsividade para com a família representou

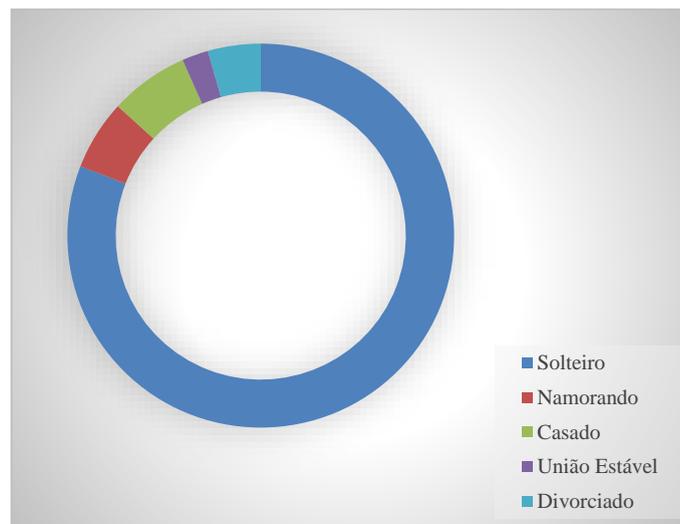
8,82% (Figura 2).



*Figura 2:* Proporções respectivas de acordo com a quantidade de participantes e o tempo sem qualquer tipo de contato familiar.

### *Estado Civil*

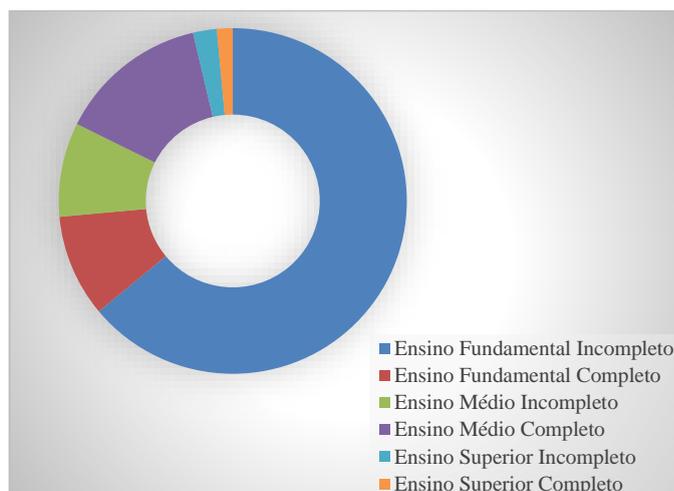
O número de participantes que se declararam solteiros foi significativamente maior 80,9%, superior, inclusive, a todas as outras opções juntas (Figura 3). O status relacionado a namoro representou 5,9%, casado 6,6%, união estável 2,2% e divorciado 4,4%. Cabe considerar que alguns participantes podem ter se intitulados casados mesmo sem a convivência com a/o companheira(o), devido a ainda apresentar certidão de casamento, sem divórcio, o que poderia aumentar ainda mais a taxa de solteiros.



*Figura 3:* Porcentagem referente ao estado civil declarado pelos participantes.

### *Escolaridade*

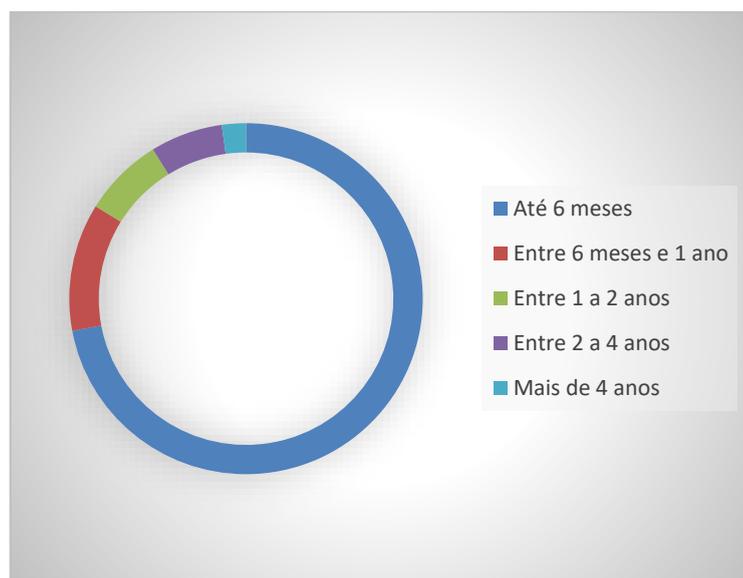
Acerca do nível de estudos 63,97% afirmaram ou terem sido alfabetizados ou terem ensino fundamental incompleto (Figura 4). Os indivíduos não alfabetizados, contudo, estão incluídos na categoria ensino fundamental incompleto. Apenas 13,97% declararam possuir ensino médio completo. Ensino fundamental completo apresentou uma margem de 9,56%, enquanto ensino médio incompleto, 8,82%. Sobre graduação e pós-graduação, 2,21% alegaram terem dado início a um curso superior, porém apenas 1,47% conseguiu chegar até a conclusão. Na pós, nenhum sujeito foi identificado nas estatísticas. Tal dado vai de encontro a literatura recente, uma vez que Sousa (2018) encontrou em seu estudo uma taxa de 51,4% com o nível de escolaridade de analfabetos ou com fundamental incompleto investigando o mesmo objeto de estudo.



*Figura 4:* Porcentagem referente à escolaridade dos participantes

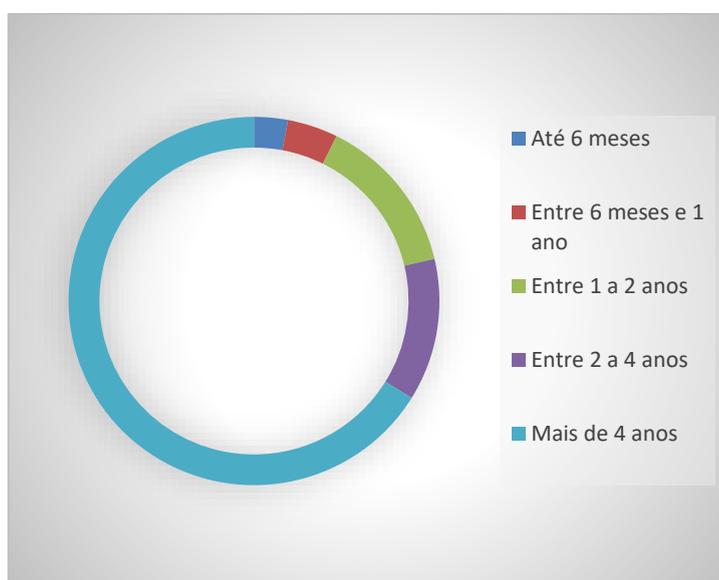
### *Percepção de Relacionamentos*

No aspecto relativo à percepção do que representa um relacionamento de curto prazo, os homens estudados relataram, em sua expressiva maioria, até 6 meses para as relações curtas (72,06%). Em relação aos relacionamentos entre 6 meses e 1 ano como curtos foram opção para 11,76% da amostra. O tempo entre 1 a 2 anos, 7,36%. As relações que durem no mínimo de 2 a 4 anos, foi a resposta de 6,62% da população estudada. Por fim, mais de 4 anos, correspondeu a 2,20% (Figura 5). O fato dos dados estarem distribuídos do menor tempo para o maior, em termos proporcionais decrescentes, tornou perceptível a opção por curto prazo relacionado ao menor tempo possível.



*Figura 5:* Ilustração da percepção do tempo de uma relação de curto prazo.

Na opinião dos indivíduos acerca dos relacionamentos de longo prazo (Figura 6), obtivemos que mais da metade vê uma relação duradoura a partir de 4 anos em diante. Já no que se refere ao tempo mínimo entre as opções, 6 meses, obtivemos 2,94%. Entre 6 meses e 1 ano, 4,41%. Entre 1 a 2 anos 13,97% e entre 2 e 4 anos, 12,50% (Figura 6).



*Figura 6:* Ilustração da percepção do tempo de uma relação de longo prazo.

O fato da maior parcela da amostra ter demonstrado o longo prazo como a maior opção

disponível de tempo, reforça a ideia de que, para os participantes, a relação da longevidade está diretamente relacionada à estabilidade afetiva.

Por fim, no tempo do último relacionamento, houve semelhança na duração de até 6 meses (36,30%) e mais de 4 anos (31,85%). Entre 6 meses e 1 ano e entre 1 a 2 anos, tivemos a mesma proporção, que foi de 9,63%. Já entre 2 a 4 anos, a representação ficou em 12,59%. É importante frisar que não sabemos se esse último relacionamento ocorreu já durante a situação de rua ou não, porém independente disso, observamos uma divisão semelhante entre curto e longo prazo.



*Figura 7:* Divisão da amostra em relação à duração da última relação afetiva.

Ao se fazer relação com a quantidade de parceiras(os) nos últimos 12 meses, obtivemos porcentagens diversificadas nas quais os relatos foram: nenhuma (6,02%), somente uma ou um parceiro (21,80%), dois ou três (19,55%), quatro ou cinco (15,04%), seis ou sete (6,77%), oito ou nove (4,51%), dez ou onze (5,26%) e, finalmente, doze ou mais parceiros ou parceiras (21,05%). Com as médias de porcentagens próximas entre ter somente uma ou um parceiro e ter obtido doze ou mais, temos uma variância considerável nos tipos de relacionamento, bem como isso também pode ser observado nos sujeitos que ficaram entre o mínimo e o máximo, com de meados de 4 a 19%. Podemos pressupor, desta forma, que não há um consenso entre o tipo de relacionamento mais adotado na amostra analisada (Figura 8).

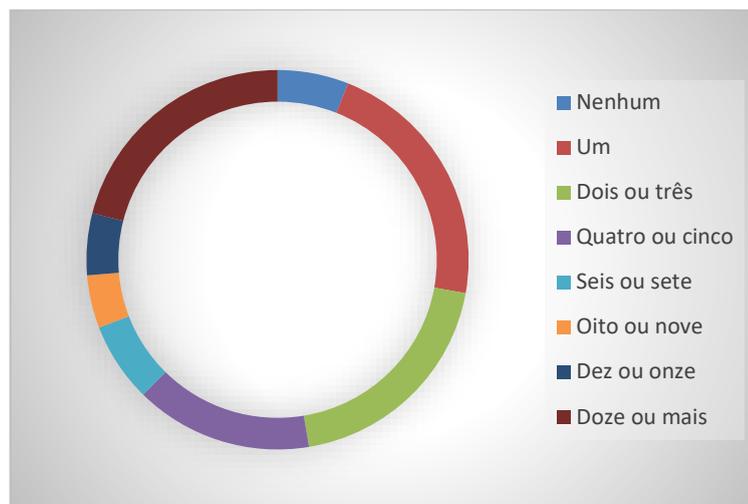


Figura 8: Representação da quantidade de parceiras(os) nos últimos 12 meses.

### ***Uso e Abuso de Substâncias***

No que se refere aos resultados com relação ao uso abusivo de substâncias como cigarro, álcool e outras substâncias psicoativas, tivemos que 97,06% afirmou já ter experimentado álcool, 90,44% já experimentaram cigarro e 83,82% alegaram já terem feito uso de outras drogas ilícitas (maconha, cocaína, crack, etc.) (Figura 9). Quanto aos níveis de dependência, 52,2% se colocaram como dependentes de cigarro, 29,64% do álcool e 45,59% de substâncias psicoativas ilícitas. Observa-se que os dados são expressivos e importantes para reflexão e necessitam ser inseridos ao se pensar novas políticas públicas e a redução do uso, abuso e dependências de substâncias. Este tópico baseou-se no autorrelato e na percepção do próprio sujeito entrevistado.

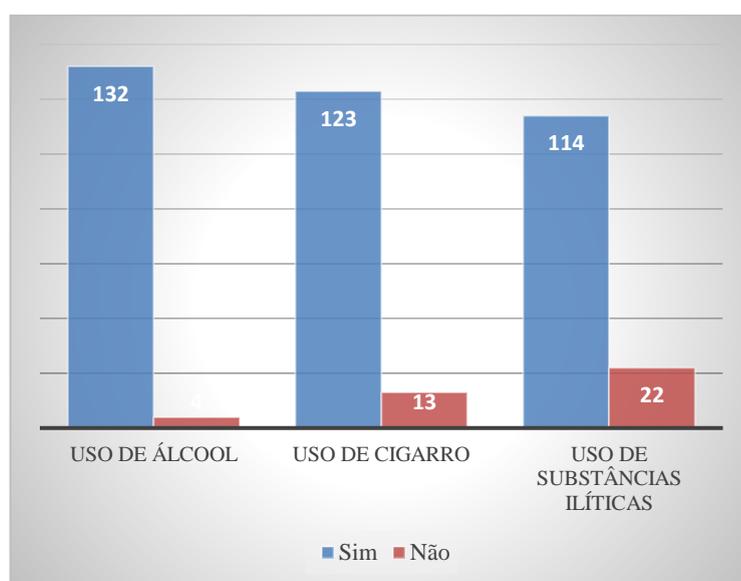


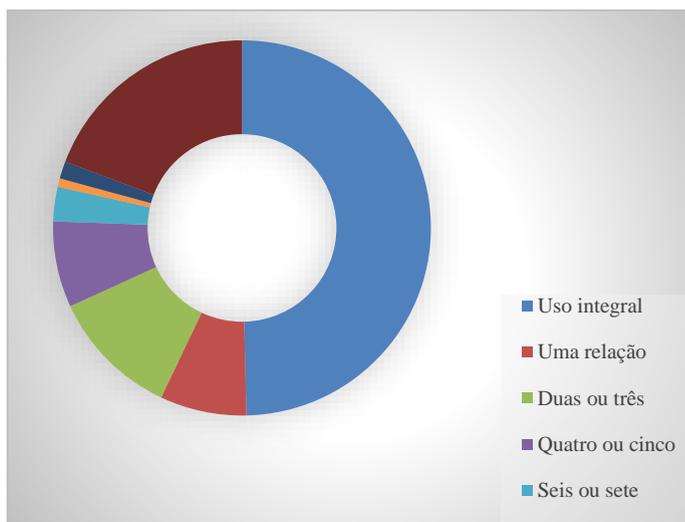
Figura 9: Quantidade de participantes em relação ao uso de substâncias.

Já no que obtivemos em relação a dependências cruzadas (mais de uma dependência por pessoa), tivemos que 27,20% referiram não se considerar dependente de nenhuma das três categorias estudadas, 28,68% se classifica enquanto dependente de ao menos uma das categorias. Já 30,14% da amostra relatou ser dependente de no mínimo duas das três classes de substâncias, enquanto 13,98% encontram-se, atualmente, vendo a si mesmos como dependentes das três opções. É importante ressaltar que a visão do participante enquanto não dependente não exclui o uso de qualquer categoria outra. O mesmo pode fazer uso, porém não se reconhecer enquanto em situação de dependência.

### ***Saúde Sexual e Reprodutiva***

Quase 90% se consideram heterossexuais (89,7%), 2,9% gays, 5,1% bissexuais e 2,2% transexuais.

No que se refere ao campo da sexualidade dos homens entrevistados, 49,63% afirmaram ter feito uso integral do preservativo nos últimos 12 meses. Contudo, outros 19,26% referiram mais de 12 relações sem preservativo nos mesmos meses. Somente uma relação sem preservativo atingiu 7,41%; duas ou três, 11,11%, quatro ou cinco, 7,41%; seis ou sete, 2,96%; oito ou nove, 0,74%; dez ou onze vezes, 1,47% (Figura 10). Somando os índices, de pelo menos uma relação sexual sem preservativo até doze ou mais, temos um total de 50,37%. Assim, um pouco mais da metade da amostra não tem utilizado preservativos no último ano.



*Figura 10:* Ilustração referente à constância do uso de preservativo nos últimos 12 meses.

Em relação a já ter tido ou não diagnóstico de algum dos tipos de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), obtivemos a seguinte representação: 72,79% negaram diagnóstico prévio deste tipo, dos 27,21% que afirmaram já ter tido contato com este tipo de doença, sendo qualquer delas, 19,26% alegaram ter tido conhecimento há um ano ou mais do fato. O estudo controlou ainda a variável relacionada ao tempo sem realizar exames de rotina relacionados a ISTs e obteve como resultado 57,35% sem realizar exames de rotina há mais de 12 meses, o que significa que as estatísticas de ocorrência podem ser maiores devido à falta de diagnóstico. Este dado representa ainda a importância de mais atividades de prevenção, conscientização e políticas públicas de saúde voltadas mais firmemente para esta população.

Apesar de 77,94% alegar já ter recebido orientação sobre ISTs, em especial à Síndrome da Imunodeficiência Humana Adquirida (SIDA), e que 84,56% dos participantes tenham afirmado já ter recebido orientação sobre como conseguir preservativos gratuitamente na rede de saúde, ainda assim o uso do preservativo acontece em taxas consideradas baixas. Faz-se necessário, desta forma, que novos estudos se apropriem deste fenômeno e novas estratégias de ação sejam pensadas e repensadas para lidar com a falta de diagnóstico necessário e evitar a proliferação de infecções transmissíveis. Sousa (2018) reforça este pensamento quando traz nos resultados de suas pesquisas que, apesar de 83,9% das pessoas em situação de rua afirmarem ter o Cartão SUS, poucos procuram consultas de rotina, cuidados e prevenção.

### **Considerações Finais**

Utilizamos os dados coletados nesta pesquisa para facilitar a compreensão do processo de rualização e suas repercussões nos homens em situação de rua da cidade de Natal/RN. Entre nossas análises, foi possível identificar características peculiares no grupo estudado, como a predominância de exposição a substâncias lícitas e ilícitas, o que nos mostra a facilidade do acesso. Contudo, o fato de ter aparecido no estudo a informação de que mais da metade dos participantes sugerem manter algum tipo de contato familiar, reflete também na busca por outras formas de lidar com o dia a dia, as dificuldades encontradas e o apoio. O fator da drogadição na população em situação de rua é tema de diversos estudos na literatura (Lima, Valentim, Rocha, & Rodrigues, 2016; Oliveira, Ricci, & Pereira, 2018; Oliveira et al., 2016; Rodrigues, Lima, & Holanda, 2018) e esta problemática, apesar de antiga, ainda traz consequências diárias.

O conhecimento sobre os fatores sociais, econômicos, biológicos, enfim, estruturantes do processo de drogadição são necessários para o conhecimento da população tanto na rua quanto do público em geral. Os efeitos devastadores, por mais que se tenham esforços

constantes de trabalhadores e civis preocupados, ainda são pouco difundidos nos espaços: na mídia, em eventos nos quais as pessoas menos abastadas possam comparecer, na televisão, nos pontos centrais das cidades. No nosso público, em que boa parte já fez uso de substâncias lícitas e ilícitas, a preocupação volta-se especialmente para os efeitos de prevenção em relação aos que ainda não experimentaram e redução de danos para os que já se encontram em uso e/ou abstinência.

Quanto à taxa de idade, o fato de terem participado mais homens de quase meia idade (média de 37 anos), vai ao encontro com a literatura (Sousa, 2018), que necessita se debruçar ainda mais na saúde do homem que se encontra nessa situação. O fato de quase 50% dos participantes terem alegado estar na rua há mais de quatro anos, torna ainda mais preocupante o fato de que a falta de oportunidades, somado a um possível abuso de substâncias, envelhecimento cada vez mais próximo e falta de cuidados com a saúde, possam gerar cada vez mais demanda para as próprias políticas públicas, assim como adoecimentos diversos: tanto de quem cuida, quanto de quem é cuidado.

Essa necessidade de cuidado na PSR é apontada constantemente na literatura. Santos (2019) traz que se restringir a números não basta, é necessário trazer um perfil mais criterioso da população de rua, algo que dê às autoridades responsáveis um retrato mais detalhado para que assim possa ser facilitada a tomada de decisões a respeito do assunto. A população de rua, por se tratar de um público heterogêneo e vivendo diferentes fases da rua (estar e viver na rua), sendo estas vivências únicas (Fernandes, 2018), jamais pode ser visto como uma coisa só.

Em relação ao nível de escolaridade, obtivemos uma amostra diversificada, porém ainda muito estratificada. A escolarização não aconteceu em altos níveis para para mais de sessenta por cento da amostra, que não conseguiu chegar sequer à metade do ensino fundamental ou mesmo ao ensino médio. Esses resultados demonstram efetivamente o que existe na literatura (Sousa, 2018; Teixeira, Engstrom, & Ribeiro, 2017), que evidenciam uma maioria de indivíduos com baixa escolaridade vivendo nas ruas. O fato de uma parcela ínfima da amostra ter tido a oportunidade de tentar ser inserido em algum curso superior e somente um e meio por cento ter concluído uma graduação, demonstra as disparidades sociais e a importância do papel da educação na formação constitucional, familiar, individual e da vivência em grupos na sociedade.

No que tange à vida afetiva dos sujeitos avaliados, a percepção do que seria curto e longo prazo, nos coloca a reflexão de que possivelmente existe uma ideia de relações afetivas estruturada a partir de experiências prévias e que esses indivíduos podem ter ciência do que procuram ao iniciar relacionamentos afetivos. A variação semelhante entre o mínimo e máximo

de tempo do último relacionamento, com as porcentagens de até 6 meses e mais de 4 anos sendo tão próximas, pode vir a corroborar esta ideia.

A discrepância entre os níveis de porcentagem da quantidade de parceiras(os) nos últimos 12 meses pode dizer respeito a estratégias sexuais diversificadas, uma vez que a grande maioria da amostra se encontra com status civil solteiro. Existem algumas possibilidades de reflexão, tais como o questionamento se o fato do relato de ter tido somente uma parceria sexual nos últimos doze meses representa um relacionamento estável ou a dificuldade para encontrar parceiras(os). Já no contraponto, quase a mesma proporção deste quesito anterior alegou ter tido doze ou mais pessoas para sexo nos últimos doze meses. É provável que os homens, por diferenças de personalidades e vivências, estejam enfrentando diferenças nas estratégias reprodutivas e que uns estejam sendo escolhidos mais que outros. E, assim sendo, os fatores envolvidos podem ser diversos para justificar tais reações, tais quais: parceiro com recursos, influência, instinto de proteção, representativo de alto valor de mercado ou potencialmente atraentes, entre outros. É necessário maior aprofundamento na investigação.

Mello (2018) ressalta a importância do olhar ampliado à PSR quando traz a problemática do ponto de vista de uma população imunologicamente vulnerável convivendo juntos em locais insalubres, facilitando assim a propagação de doenças infectocontagiosas. O fato do nosso estudo ter apontado que uma parcela considerável já possuiu alguma infecção sexualmente transmissível e que mais da metade da amostra não realiza qualquer tipo de exame de rotina neste sentido há mais de um ano, é um fator alarmante. Por se tratar de um estudo com um público majoritariamente solteiro em níveis bastante expressivos, torna-se fundamental o olhar sobre esses homens, seu processo de sexualidade, suas dúvidas e, acima de tudo, o respeito às suas singularidades. É importante ressaltar que o relato da maior parte da amostra de ter acesso à informação relacionadas tanto às ISTs, quanto para a distribuição de preservativos, condiz com a tentativa de ampliação da informação; porém a PSR ainda não coloca em prática totalmente no cotidiano, com base em outros relatos quanto à saúde sexual e reprodutiva.

No campo da saúde sexual da população masculina do estudo, o uso oscilante do preservativo em uma amostra majoritariamente solteira nos coloca frente a um alerta em relação ao autocuidado. Os homens, por si só, costumam ser displicentes com sua saúde (Leite et al., 2016). Em se tratando de vivência na rua, sem os recursos necessários, disponibilidade de acesso a serviços de saúde, em especial à atenção básica e o preconceito pelo estigma da rua, existe a chance de que muitos desses homens optem por não procurar atendimento. A vivência na rua torna-se um processo adoecedor tanto pelo estar na rua, quanto por cada mínima violação de direito ou porta fechada encontrada, mesmo que muitos esforços de diferentes lados tentem

fazer com que a entrada, o acesso e a resolutividade sejam sempre portas abertas.

Ressaltamos que a resolutividade da situação de rua certamente é um ponto complexo, bem como desafiador e que necessita de muitos anos de políticas públicas estruturantes, assim como de esforços em comum de toda a sociedade. Assim sendo, torna-se mais fácil e coerente falar em minimização da problemática. Para possibilitar tal minimização, uma educação de qualidade e permanente, a compreensão e empatia para com a PSR, estudos que versem sobre as singularidades e os diversos tipos de política, bem como a cobrança do poder público em todas as suas esferas relacionadas a estratégias plurarizadas para com esta população - que estejam em constante processo de revisão e adaptação - pode ser um começo. O questionamento dos motivos que levam os homens a afirmarem já ter tido acesso a algum tipo de informação e isso não ser demonstrado no seu comportamento, a princípio pode nos levar a pensar em escolhas individuais, mas por meio de um pensamento crítico e levando em consideração o ambiente da rua, a questão não é tão simples. O processo de acesso a informação, bem como sua efetivação e permanência em ações, necessita de paciência, persistência, e, acima de tudo, da revisão e adaptação de conceitos, se assim for necessário.

Nossas observações foram feitas com base em informações obtidas por meio de questionários com perguntas fechadas na cidade de Natal, em um Centro de Referência para o público em específico que recebe pessoas em vivência de rua de todos os estados (enquanto migrantes) do Brasil e até mesmo de fora do país. Contudo, ainda assim, estudos posteriores precisam ampliar a população e buscar sujeitos nos vários pontos da cidade. É necessário que os aspectos estudados aqui sejam ampliados a outros homens na rua e também se apliquem às mulheres futuramente.

Concluimos que fatores sociodemográficos são importantes para dar conta de uma maior compreensão de um público tão diversificado e pouco lembrado, de maneira geral. Esperamos que novas políticas públicas possam surgir com informações atualizadas da população em situação de rua no país, pois somente conhecendo o nosso povo é que existe a possibilidade de crescimento por completo.

A experiência no Centro Pop tornou possível uma ampliação da visão acerca da realidade e dificuldades encontradas pelas Pessoas em Situação de Rua, suas vulnerabilidades, potenciais e visão de mundo. O fato de poder nos aproximar desta parcela da população trouxe ainda a chance de ressignificar sentidos e compreender mais profundamente dilemas sociais, de saúde e educacionais. Espera-se que pesquisadores que entrem em contato com este trabalho deem continuidade a pesquisas com este viés e consigam trazer à luz uma realidade primordial relacionada aos que são muitas vezes esquecidos, porém extremamente importantes para a

compreensão de uma sociedade complexa.

## Referências

- Almeida, A. V. A. D. (2017). *Roda de conversa—uma estratégia de promoção em saúde para as gestantes que vivem em situação de rua* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Santa Catarina.
- Alves, P. B., Koller, S. H., Silva, A., Santos, C. L. D., Silva, M. D. R., Reppold, C. T., & Prade, L. T. (2002). Atividades cotidianas de crianças em situação de rua. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *18*(3), 305-313.
- Botti, N. C. L., Castro, C. G., Silva, A. K., Silva, M. F., Oliveira, L. C., & Fonseca, L. L. K. (2010). Padrão de uso de álcool entre homens adultos em situação de rua de Belo Horizonte. *SMAD-Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, *6*(spe), 536-555.
- Brasil (2009). *Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome*. Perguntas e Respostas Sobre o Centro Pop. Brasília (DF).
- Brasil (2017). *Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome*. O Censo do Sistema Único de Assistência Social (Censo SUAS). Brasília (DF).
- Bursztyn, M. (2000). *No meio da rua: nômades, excluídos e viradores*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Castro, L. Z., Andrade, M. C., & Chernicharo, R. L. (2018). A população em situação de rua e a busca pelo sentido da vida: uma questão de sobrevivência. *Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, *3*(6), 223-235.
- Corporação Britânica de Radiodifusão (BBC). *Aumento do número de sem tetos nos EUA é bomba relógio*. Recuperado em 18 de janeiro, 2019, do <https://www.bbc.com/portuguese/geral-45809130>.
- Cunha, J. G. D., Garcia, A., Silva, T. H. D., & Pinho, R. C. D. (2017). Novos arranjos: lançando um olhar sobre os relacionamentos interpessoais de pessoas em situação de rua. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, *10*(1), 95-108.
- Decreto n. 7.053, de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências, Brasília, DF, dez 2019. Recuperado em 12 de outubro, 2017, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm).
- European Federation Of National Organizations Working With The Homeless. *About us*. Recuperado em 17 de janeiro, 2019, do <http://www.feantsa.org/en/aboutus/what-is-feantsa>.

- European Federation Of National Organizations Working With The Homeless. *About us*. Recuperado em 20 de janeiro, 2019, do <http://www.feantsa.org/en/aboutus/what-is-feantsa>.
- Fernandes, J. A. R. (2018). *Somos invisíveis para você? População em situação de rua e negação de direitos* (Trabalho de Conclusão de Curso), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte.
- G1. (2018). Em meio à crise de moradia, cidades dos EUA incentivam proprietários a abrigar sem-teto no quintal de casa. Recuperado em 18 de janeiro, 2019, de <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/11/09/em-meio-a-crise-de-moradia-cidades-dos-eua-incentivam-proprietarios-a-abrigar-sem-teto-no-quintal-de-casa.ghtml>
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. IPEA (2015). *Atlas de vulnerabilidade social dos municípios brasileiros*. Brasília.
- Leite, J. F., Dimenstein, M., Paiva, R., Carvalho, L., Amorim, A. K. D. M. A., & França, A. (2016). Sentidos da Saúde numa Perspectiva de Gênero: um Estudo com Homens da Cidade de Natal/RN. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(2), 341-353.
- Lima, C. H., Valentim, A. P., Rocha, C. E. D. F., & Rodrigues, N. F. (2016). *Crack: uma abordagem psicanalítica de seu consumo entre crianças e adolescentes em situação de rua*. *Revista Subjetividades*, 13(1-2), 155-194.
- Lima, J. C. B. D. (2018). *Características sócio demográficas e vulnerabilidade da mulher em situação de rua em contrair IST/AIDS*, (Trabalho de Conclusão de Curso), Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande.
- Lima, N. P. D. M. (2018). *Movimento nacional da população em situação de rua do RN: formação política*, (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Melo Resende, V. (2017). Análise discursiva crítica do uso de metáforas em uma interação etnográfica no movimento nacional de meninos e meninas de rua. *Revista da ABRALIN*, 8(1), p. 125 – 148.
- Mello, M. M. (2018). *População em situação de rua: ambiente urbano x dificuldades de adesão aos tratamentos de saúde*, (Trabalho de Conclusão de Curso), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Moura de Oliveira, D., Expedito, A. C., Aleixo, M. T., Carneiro, N. S., de Jesus, M. C. P., & Merighi, M. A. B. (2018). Necessidades, produção do cuidado e expectativas de pessoas em situação de rua. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 6, 2849-2857.
- Natalino, M. A. C. (2016). *Estimativa da população em situação de rua no Brasil* (No. 2246). Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

- Oliva, H. N. P., Oliveira, A. G., de Quadros, A. C. V. C., Alves, B. L. R., Ramos, M. T. B. P., Galdino, V. D. A. C., ... & Pereira, J. A. (2019). Estudo epidemiológico da tuberculose no estado de Minas Gerais. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 18, e78-e78.
- Oliveira Lussi, I. A., Ricci, T. E., & Pereira, L. M. (2018). Fomento a iniciativas de economia solidária com usuários de álcool e outras drogas em situação de rua: relato de experiência. *Tempus Actas de Saúde Coletiva*, 11(3), 259-272.
- Oliveira, M. A. F., Abreu Gonçalves, R. M. D., Claro, H. G., Tarifa, R. R., Nakahara, T., Bosque, R. M., & Silva, N. N. (2016). Perfil das crianças e adolescentes em situação de rua usuários de drogas. *Revista de Enfermagem UFPE*, 10(2), 475-484.
- Resende, V. (2017). Análise discursiva crítica do uso de metáforas em uma interação etnográfica no movimento nacional de meninos e meninas de rua. *Revista da ABRALIN*, 8(1), 125-148.
- Rodrigues, J. S., Lima, A. F., & Holanda, R. B. (2018). Identidade, drogas e Saúde Mental: Narrativas de pessoas em situação de rua. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(3), 424-436.
- Santana, J. P., Raffaelli, M., Koller, S. H., & de Moraes, N. A. (2018). “Vocês me encontram em qualquer lugar”: realizando pesquisa longitudinal com adolescentes em situação de rua. *Psico*, 49(1), 31-42.
- Santos, J. B. (2019). Pessoas em situação de rua: Uma análise do retrato censitário em Cuiabá no ano de 2017. *Revista Direitos, Trabalho e Política Social*, 5(8), 78-79.
- Santos, T. C. (2018). Refúgio e assistência social: os limites da proteção no município do Rio de Janeiro. *Anais do Encontro Internacional e Nacional de Política Social*, 1(1), 1-9.
- Silva, A., Reppold, C. T., Santos, C. L. D., Prade, L. T., Silva, M. D. R., Alves, P. B., & Koller, S. H. (1998). Crianças em situação de rua de Porto Alegre: um estudo descritivo. *Psicologia: reflexão e crítica. Porto Alegre*, 11(3), 441-447.
- Silva, I. C. N. (2018). *Práticas de Cuidado em Saúde de Pessoas em Situação de Rua: Um Estudo de Representações Sociais*, (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Silva, M. L. L. D. (2006). *Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno população em situação de rua no Brasil 1995-2005*, (Dissertação de Mestrado), Universidade de Brasília, Brasília.
- Silva Rosa, A., Cavicchioli, M. G. S., & Brêtas, A. C. P. (2005). O processo saúde-doença-cuidado e a população em situação de rua. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 13(4), 576-582.
- Sousa, C. M. (2018). *Programa consultório na rua: uma análise da importância do cirurgião-*

*dentista na equipe* (Trabalho de Conclusão de Curso), Universidade Federal do Rio Grande do Norte), Natal.

Teixeira, M. B., Engstrom, E. M., & Ribeiro, J. M. (2017). Revisão sistemática da literatura sobre crack: análise do seu uso prejudicial nas dimensões individual e contextual. *Saúde em Debate*, 41, 311-330.

Winkelmann, M. C., Lopes, P. R., Heidemann, I. T. S. B., Fernandes, G. C. M., & Dalmolin, I. S. (2018). Percepção das pessoas em situação de rua sobre os Determinantes Sociais da Saúde. *Revista de Enfermagem da UFSM*, 8(1), 88-101.

**O homem na rua: a relação entre riscos, amor e família na visão evolucionista**

Autores:

Everton Xavier de Lima<sup>1</sup>

Victor Kenji Medeiros Shiramizu<sup>2</sup>

Fívia de Araújo Lopes<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Laboratório de Evolução do Comportamento Humano – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, Brasil

<sup>2</sup> Institute of Neuroscience & Psychology, University of Glasgow, Escócia, Reino Unido

## **O homem na rua: a relação entre riscos, amor e família na visão evolucionista**

Everton Xavier de Lima<sup>1</sup>

Victor Kenji Medeiros Shiramizu<sup>2</sup>

Fívia de Araújo Lopes<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Programa de Pós-graduação em Psicobiologia, Laboratório de Evolução do Comportamento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

<sup>2</sup> Institute of Neuroscience & Psychology, University of Glasgow, Escócia, Reino Unido

**Resumo:** A adoção de estratégias reprodutivas e de escolha de parceiros envolvem diversos fatores. Tendo como destaque central a variação ambiental, o homem em situação de rua se depara com diversos desafios cotidianamente. O ambiente em que se encontra é permeado por riscos imediatos, envolvendo conflitos e necessidade de tomadas de decisão rápidas. Pensando acerca das relações afetivas e relacionamentos românticos, este estudo pretendeu investigar como os riscos mais imediatos (riscos relacionados à saúde, sexualidade e segurança), histórico familiar prévio por meio da imprevisibilidade familiar (recursos financeiros e cuidado/apoio) e as dimensões do apego (ansiedade e evitação) podem vir a influenciar decisões que possam interferir nas relações interpessoais afetivas. A idade se mostrou como fator importante nos resultados, demonstrando relação inversamente proporcional com a dimensão evitação do apego. Além disso, os riscos relacionados à sexualidade apresentaram médias altas de ansiedade relacionada ao apego nos indivíduos que mais se expuseram a relações sexuais desprotegidas no último ano. Encontramos ainda correlação negativa entre as dimensões do apego de ansiedade e evitação entre si e correlação positiva entre imprevisibilidade de recursos financeiros e ansiedade. Por fim, discutimos a ideia da possibilidade de adoção de estratégias reprodutivas mistas e concluímos que os estudos com esta população precisam ser aprofundados para uma maior compreensão dessas estratégias e de outros aspectos não contemplados em nossa pesquisa.

**Palavras-chave:** Situação de Rua. Homens na rua. Imprevisibilidade Familiar. Apego. Risco imediato.

## Introdução

Nós não escapamos das forças poderosas da seleção sexual evoluindo ao longo de mais de seis milhões de anos (Buss & Schmitt, 2019). Boa parte dessa sentença proferida por estudiosos da evolução se deve ao fato de estarmos expostos às pressões ambientais, limitações e imprevisibilidades relacionadas não somente aos parceiros disponíveis e suas possibilidades, mas também aos tipos de ambientes e suas peculiaridades. As interações sexuais são diversas e têm um importante papel na especiação relacionada ao fluxo gênico (Aubier, Kokko, & Joron, 2018). Percebe-se, logo, que o processo é multifacetado.

A Teoria da Seleção Sexual surge na tentativa de explicar os mecanismos tanto evolutivos quanto fisiológicos diretos que permitem às espécies a reprodução e condução dos seus genes na garantia do sucesso reprodutivo. Levando em consideração este aspecto têm-se que sucesso reprodutivo nada mais é que o repasse genético adiante a partir da reprodução (Buss & Foley, 2019), mas não somente isso: é necessário também a garantia de que os descendentes também reproduzam e o ciclo siga adiante. As consequências da aptidão de escolha de parceiros foram analisadas extensivamente, e suas bases mecanicistas forneceram *insights* sobre como os animais tomam tais decisões (Ryan, Page, Hunter, & Taylor, 2018).

Uma boa teoria sobre o acasalamento humano deve especificar como as estratégias reprodutivas mudam de acordo com o contexto, como por exemplo o valor do parceiro, transformações de acordo com as diferenças nas proporções entre homens e mulheres e se uma estratégia de curto (relacionamentos curtos, rápidos) ou longo prazo (relações afetivas mais duradouras, sólidas) está sendo estabelecida (Buss & Schmitt, 2019). Dessa forma, outro fator primordial é a análise da importância do ambiente e do contexto, quando se trata do estudo das estratégias sexuais e reprodutivas. Para se ter uma ideia da importância do fator disponibilidade de parceiros no ambiente, Millar, Westfall e Walsh (2019), avaliaram o impacto do sexo e da taxa de parceiros disponíveis a partir da autopercepção do próprio valor enquanto parceiro nas estratégias reprodutivas. Como previsto pelos autores, a interação entre o sexo do participante e a taxa disponível foi mais forte em pessoas que pontuaram baixo em relação ao próprio valor enquanto parceiro.

Ao considerarmos que múltiplas variáveis estão envolvidas no processo de estabelecimento da parceria romântica, tais como: como a pessoa se vê, quais são as suas opções e limitações, o sexo de quem busca e a disponibilidade do sexo oposto, o conceito de mercado biológico traz contribuições importantes. A Teoria do Mercado Biológico se refere às situações sociais como “mercado” onde indivíduos competem com outros pelos parceiros de maiores

qualidades possíveis no ambiente que irão prover benefícios sociais e reprodutivos (Barclay, 2013). Além disso, diversos outros autores trazem o foco das influências do contexto nas relações e de como as estratégias podem variar em decorrência do ambiente e da fase em que as populações se encontrem, como por exemplo com os universitários (Arum, Roksa, & Budig, 2008; Townsend & Wasserman, 2011), em populações indígenas (Stark, Salzano, & Rocha, 1990), em homossexuais (Gobrogge et al., 2007), entre outros, além de grupos populacionais comparativos, como a escolha de parceiros entre grupos de hetero e homossexuais (Burrows, 2013; Kenrick, Keefe, Bryan, Barr, & Brown, 1995; Schmitt, 2007), observação de diferenças culturais entre diferentes países (Buunk, Park, & Duncan, 2010), entre outras exemplificações.

A tratativa de escolha de parceiros em pessoas em situação de rua é um tema fundamental, uma vez que se trata de uma população pouco estudada em termos de estratégias evolutivas e reprodutivas e ainda se depara com inúmeros fatores que diferem da população em geral: exposição a riscos, uso de substâncias psicoativas (algumas vezes com dependência das mesmas) e ainda vínculos familiares fragilizados ou rompidos. Os desafios para se encontrar um parceiro, podemos então supor, são inúmeros.

A literatura aborda que a aparência física e condições de saúde são alguns dos requisitos levados em consideração ao se escolher um parceiro romântico (DeBruine, Jones, Crawford, Welling, & Little, 2010; Fink, Grammer, & Matts, 2006; Rhodes et al., 2001; Singh, 2002). Assim, podemos nos questionar se a aparência das pessoas que vivem diretamente nas ruas pode ser uma variável que influencia nas escolhas. Uma vez que se manter saudável pode aumentar as chances de ser escolhido, nesta lógica, expor-se menos a riscos poderia ser uma das estratégias adotadas por esta população na busca de relacionamentos de melhor qualidade.

Os riscos de viver na rua são amplamente divulgados por diversos autores tanto em termos sociais (Barata, Junior, Ribeiro & Silveira, 2015; Castro, Azevedo, Padilha, Dias & Botti, 2019; Gomes & Pereira, 2005) como em saúde (Matoso, Matoso, Silva, & Nascimento, 2018; Silva, Brito, Carvalho, Borges, & Magalhães, 2019; Silva et al., 2019; Vale & Vecchia, 2019). Ainda no campo social, a questão da drogadição é frequente na população em situação de rua, ampliando ainda mais a gama de riscos. Os estudos são amplos e diversificados em relação à questão das drogas na população vivendo nas ruas (Bittencourt et al., 2019; Lussi, Rissi, & Pereira, 2018; Raup & Adorno, 2015; Spadoni et al., 2017; Tondim, Anunciação, & Passos, 2013). O conceito de risco apresentado aqui se aproxima em muito de conceito de vulnerabilidade social, ou seja, a imersão em campos e ambientes sociais ao mesmo tempo em que se expõem a fatores como a falta de abrigo noturno, drogadição constante e uso e abuso de substâncias, dependência química severa, transtornos mentais sem tratamento adequado, entre

tantos outros possíveis.

Além das problemáticas sociais e de saúde, estamos lidando com variações socioeconômicas extremas e, muitas vezes, com relações familiares ainda mais precárias. Estudos anteriores já se ocuparam em verificar o impacto da imprevisibilidade familiar no desenvolvimento individual (Alarcão & Gaspar, 2007), inclusive também relacionando esse fator com a propensão ao risco e desconto de futuro (Howat-Rodrigues, 2010). Alarcão e Gaspar (2007) trazem que o conceito de imprevisibilidade familiar diz respeito à uma falta de consistência dos padrões de comportamento familiar e dos sistemas de regulação familiar.

Avaliar as dimensões do apego e relacioná-las à exposição ao risco não é novidade na literatura (Colorado, Pedraza, Santiago, & Cotes, 2019; Martellet & Siqueira, 2017). Contudo, a observação desses dois fatores em conjunto pode trazer respostas ainda não exploradas na população em situação de rua, como uma maior compreensão das possibilidades relacionadas a envolvimento afetivo e relações românticas, por exemplo. Bowlby (1982) traz que o apego se inicia muito cedo na infância, ainda nas primeiras experiências e pode levar a padrões afetivos específicos nas demonstrações de afeto futuras. Logo, os distintos tipos de apego construídos na infância regulam os processos relacionais futuros (Couto & Tavares, 2016), podendo trazer repercussões na vida emocional dos indivíduos (Klagsbrun & Bowlby, 1976). Os impactos e repercussões do apego são sentidos até os dias atuais. A partir de estudos recentes, a temática continua em evidência na ciência (Fonagy, Luyten, Allison, & Campbell, 2018; Fraley, 2019; Slade et al., 2019; Widom, Czaja, Kozakowski, & Chauhan, 2018; Zeifman, 2019).

Analisando todos os componentes envolvidos, considerando todos os custos e dificuldades encontradas pelo caminho, imaginamos que para sair da situação de escolher entre ter um parceiro ou não, se envolver afetivamente ou não, possam surgir informações relevantes no campo da pesquisa voltada para a escolha de parceiros a partir dos resultados desta amostra. Levando em consideração a necessidade de ampliação dos conhecimentos acerca das estratégias reprodutivas com foco na evolução, bem como a importância da ênfase em diversos tipos de população e seus contextos, bem como de idades distintas, consideramos que este estudo vem com uma significativa importância para o campo científico. Os dados apresentados aqui nos levam a reflexões acerca do comportamento reprodutivo, de riscos e ainda de saúde, sendo assim abrangente o suficiente para discussões diversas. O pontapé inicial para uma maior compreensão de um público tão diversificado, intrigante e desafiador está sendo dado.

Assim sendo, o objetivo deste trabalho foi investigar como as dimensões do apego interagem com os comportamentos de risco e a imprevisibilidade familiar, assim como fazer uma investigação inicial acerca das estratégias reprodutivas relacionada a essas variáveis.

## **Materiais e métodos**

### *Delineamento da pesquisa*

Este estudo tem uma abordagem transversal, numa amostra de conveniência, sendo os dados coletados entre abril e novembro de 2018. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (CAAE: 85615318.1.0000.5537. Parecer: 2.803.195) (Anexo A).

### *População do estudo*

O estudo foi conduzido na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, com homens em situação de rua em um centro voltado para este público, vinculado à prefeitura do município, o Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua (Centro Pop). Os voluntários foram abordados e convidados a fazer parte da pesquisa de forma aleatória, por meio de questionários.

Os 136 participantes foram definidos de acordo com as diretrizes dos critérios de inclusão, a saber: idade entre 18 e 59 anos, sem diagnóstico de transtorno mental persistente e incapacitante, sem uso abusivo de substâncias a ponto de prejudicar a cognição, concordância e aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo B).

A média de idade dos participantes foi de 37,5 anos. Majoritariamente a amostra foi composta por homens autodeclarados heterossexuais e solteiros. Mais da metade declarou ter ensino fundamental incompleto ou menos (incluindo os não alfabetizados).

### *Instrumentos*

Questionário PenSE (adaptado - Anexo C). Desenvolvido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015), nos permitiu o acesso a comportamentos de risco. Para nossa pesquisa, utilizamos as questões relacionadas ao uso de cigarro, uso de álcool, outras drogas ilícitas, saúde sexual e reprodutiva, bem como cuidados com a própria segurança, totalizando, desta forma, cinco fatores observados. O instrumento, a princípio, foi elaborado para adolescentes brasileiros, avaliando seus comportamentos destoantes. Contudo, foi adaptado ao público em situação de rua, uma vez que as categorias estudadas nesse instrumento permitem acessar também o cotidiano de outros públicos, incluindo a população em situação de rua.

Questionário sociodemográfico (Anexo D). Tal instrumento nos permitiu acesso a informações básicas do participante (como nome, idade, escolaridade, renda, estado civil, entre outros), bem

como seu histórico na rua e com parceiros(as) e foi construído pelo próprio pesquisador responsável.

*Experience in Close Relationship Scale (ECR)* (Anexo E). Composto por 36 itens, o ECR se propõe a medir o apego adulto, avaliando duas dimensões do apego, a saber, evitação e ansiedade, com 18 itens para cada uma das dimensões. A ansiedade relacionada ao apego diz respeito ao quanto o indivíduo preocupa-se com a responsividade do parceiro e com o relacionamento, bem como o quanto ele necessita de proximidade física e emocional. Já a evitação relacionada ao apego diz respeito ao desconforto com a proximidade emocional, com a dependência de parceiros românticos, uma preferência por distanciamento emocional, baixa emocionalidade e extrema autoconfiança. Para as análises, foi considerada inicialmente a inversão dos itens: 3, 15, 19, 22, 25, 27, 29, 31, 33, 35. Posteriormente, calculamos as médias aritméticas para cada uma das dimensões. Ansiedade: itens 2, 4, 6, 8, 10, 12, 14, 16, 18, 20, 22, 24, 26, 28, 30, 32, 34, 36. Evitação: itens 1, 3, 5, 7, 9, 11, 13, 15, 17, 19, 21, 23, 25, 27, 29, 31, 33, 35. O ECR foi teve sua adaptação e validação para o português do Brasil por Shiramizu et al. (2013).

Escala de Imprevisibilidade Familiar (EIFI) (Anexo F). Instrumento composto 27 itens distribuídos em quatro fatores, a saber Cuidado/apoio (Fator 1), Recursos Financeiros (Fator 2), Alimentação (Fator 3) e Disciplina (Fator 4). Em nosso trabalho, optamos por avaliar somente os aspectos de imprevisibilidade relacionados aos fatores 1 e 2. A preferência pelos fatores citados na análise aconteceu em decorrência de levar em consideração os fatores mais próximos ou a ausência destes, para os homens em situação de rua no momento atual, relacionando vivências na infância e a atualidade, estabelecendo assim um possível paralelo. O Fator 1 (Cuidado/apoio) diz respeito a comportamentos relacionados a inconsistência parental no fornecimento de cuidados à criança diante de suas necessidades de apoio emocional (conforto, proteção, afeto) e de apoio no enfrentamento de situações estressantes. O Fator 2 (Recursos Financeiros) refletiu a incerteza em relação à previsão de recursos financeiros para o pagamento de gastos e obtenção de bens. Para análise, dentro do Fator 1 que apresentavam enunciados como “eu tinha certeza...” ou “eu sabia...”, tiveram seus valores invertidos a fim de que refletissem imprevisibilidade. O EIFI foi adaptado e validado para o português do Brasil por Howat-Rodrigues et al. (2012).

### *Procedimento de coleta de dados*

A coleta de dados aconteceu após assinatura ou coleta da impressão digital para os não alfabetizados no TCLE. Em seguida os participantes responderam o formulário sociodemográfico, seguido pelo EIFI, questionário PenSE e, por fim, os participantes responderam ao ECR. Todo o procedimento de coleta de dados foi guiado, ou seja, o preenchimento dos instrumentos era realizado pelo pesquisador após a leitura de cada uma das questões para o participante. Tal modelo foi adotado no intuito de padronizar a coleta, uma vez que contávamos com a participação de homens com baixo ou nenhum nível de escolaridade.

### *Análise de dados*

A análise foi feita por meio de estatística inferencial. O objetivo principal da análise foi verificar as correlações entre as dimensões do apego e riscos, as dimensões do apego e imprevisibilidade familiar, bem como analisar os dados que se relacionem com estas variáveis, como a exposição sexual de risco, por exemplo. O número amostral mínimo foi calculado através do *software* G\*Power 3.1.9.2 ( $n = 136$ ). Foram avaliados aspectos relacionados ao tipo de distribuição dos dados para a escolha dos testes estatísticos. Para tanto, utilizamos a verificação dos resíduos do modelo em torno da variável dependente e os mesmos apresentaram distribuição normal. Além disso, quando a amostra é relativamente grande, o teorema do limite central pode ser aplicado para inferir a normalidade da distribuição (Paes, 2009; Lopes et al., 2014). Sendo assim, utilizamos testes como a ANOVA, bem como Correlação de Pearson, por se tratarem de testes de excelente poder estatístico em suas análises. Além disso, a escolha partiu do pressuposto que trabalharíamos prioritariamente com médias no presente trabalho. Para as análises estatísticas, foram utilizados os softwares *SPSS* versão 24 e o *MATLAB* versão R2017B.

Por meio das respostas do instrumento, os participantes foram alocados em categorias da seguinte forma quanto ao risco:

As perguntas foram selecionadas de acordo com a percepção de possibilidade de risco imediato e mais próximo dos participantes, as quais foram: Considera-se dependente 1) de cigarro, 2) de álcool, 3) de outras substâncias ilícitas? Nas relações sexuais dos últimos 12 meses, em quantas você não utilizou o preservativo? Nos últimos 30 dias você dormiu na rua sem utilizar serviços como o albergue ou outros que envolvem abrigo protegido? (Tabela 3)

Tabela 3 – *Questões Seleccionadas para a Análise de Comportamentos de risco*

Categoria	Questionamento
Saúde	Relação com a dependência de substâncias psicoativas.
Sexo	Constância do uso do preservativo nos últimos 12 meses.
Segurança	Exposição a riscos noturnos. Hábitos de dormir na rua, sem utilizar o albergue, nos últimos 30 dias.

Saúde: Resultados de nenhuma dependência ou somente uma foram indivíduos considerados baixo risco. Duas ou as três dependências admitidas foram classificados como alto risco.

Sexo: Em seguida, na análise relacionada ao uso do preservativo nos últimos 12 meses, foi considerado relevante a quantidade de exposições à não utilização do preservativo em ordem crescente. Assim, obtivemos a seguinte classificação: Em casos de nenhuma exposição a até três exposições no último ano, os respondentes foram considerados de baixo risco. A partir de quatro a até doze ou mais relações sexuais sem proteção, foram considerados de alto risco.

Segurança: Por fim, em termos de cuidados com a própria segurança, os sujeitos foram classificados em baixo e alto risco a partir do relato de dormir na rua, sem qualquer tipo de abrigo ou proteção, sem utilizar serviços como o albergue municipal, por exemplo, ou contar com outros tipos de pontos de apoio. Indivíduos que relataram haver dormido na rua nos últimos 30 dias foram considerados de alto risco, indivíduos em negativa foram considerados em baixo risco uma vez que se protegem mais dos perigos noturnos, tanto em termos de saúde física quanto psicológica.

Cada score de risco nas categorias recebeu uma pontuação. A partir das três categorias, os homens identificados com três “riscos baixos” foram considerados como risco insignificante (sem risco) porém isso não significa que os riscos estão completamente excluídos desses sujeitos, uma vez que são apenas ligeiramente mais cuidadosos em termos comparativos. A informação de uma categoria com risco alto foi considerada de risco baixo, levando em consideração a comparação entre a própria amostra - uma vez que somente uma das categorias de risco alto pode significar, por exemplo, dependência de álcool em tratamento. Duas categorias classificadas como risco alto, quaisquer que sejam, foram etiquetadas como risco médio e as três categorias em alto risco, foram taxadas de risco alto. Este número final ficou

denominado como score “SSS” – Saúde, Sexo e Segurança (Figura 11). Torna-se importante frisar que no ambiente na rua fica completamente inviável avaliar um indivíduo como sem risco em termos de zero absoluto, uma vez que a situação de rua em si já é um fator de adoecimento e exposição a fatores ambientais potencialmente danosos.

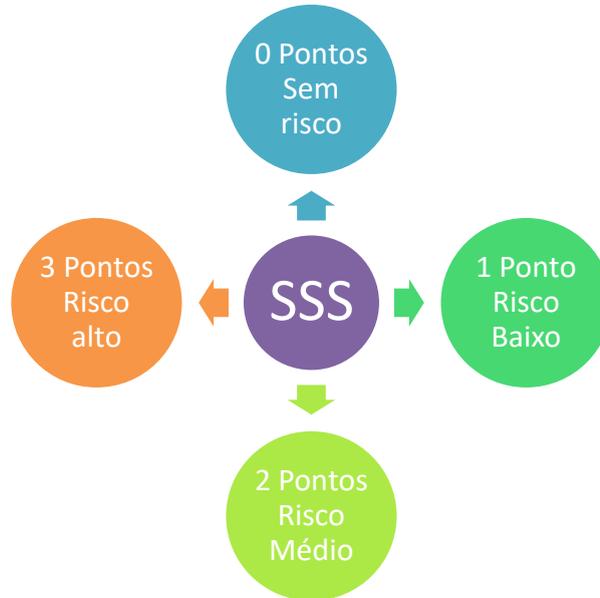


Figura 11: Demonstração final da categoria “SSS” e seus desdobramentos.

## Resultados

Na comparação quanto às dimensões do apego (ansiedade e evitação) entre os grupos sem risco, baixo risco, médio risco e alto risco, obtivemos diferença significativa apenas para a ansiedade relacionada ao apego entre os grupos de baixo ( $M = 4,85$ ) e médio risco ( $M = 5,56$ ) (Figura 12).

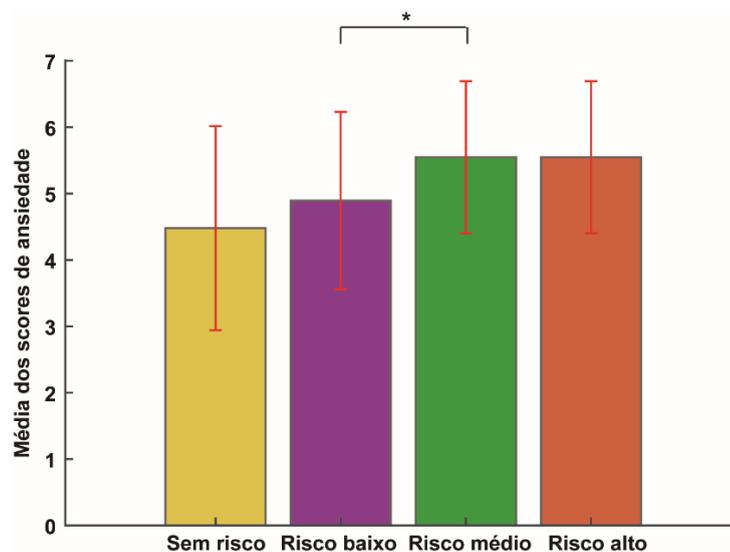


Figura 12: Score de ansiedade relacionada ao apego de acordo com os grupos de risco.

\* diferença entre os grupos com  $p < 0,05$ .

Quanto à evitação relacionada ao apego, não foram observadas diferenças entre os grupos (Figura 13).

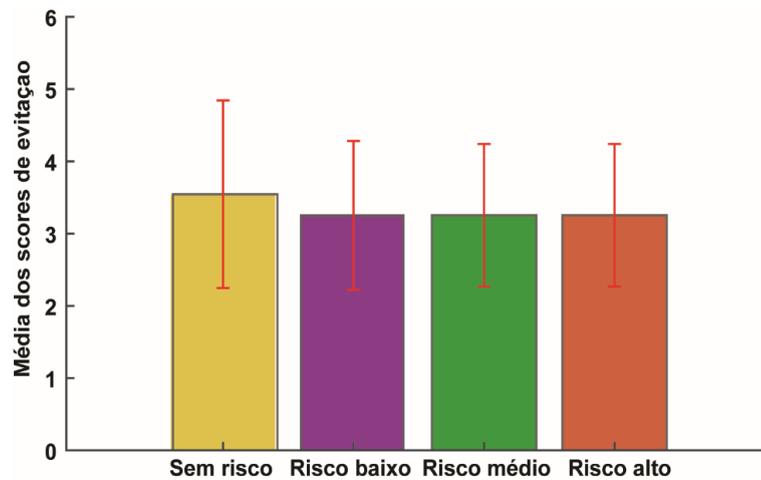
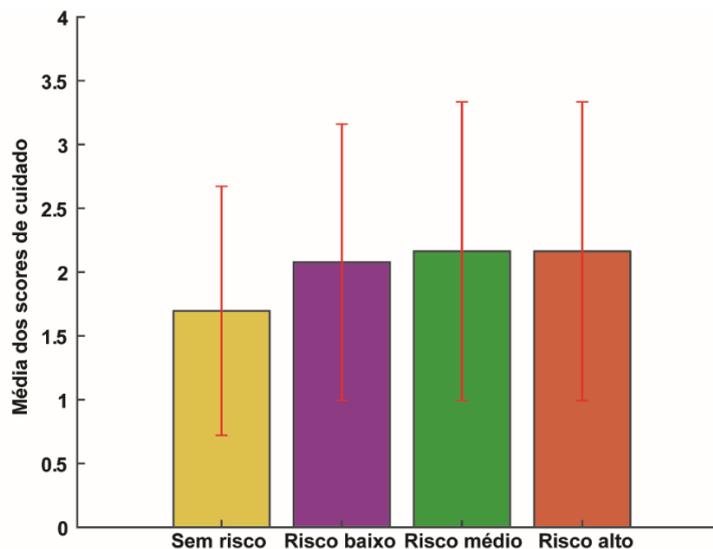
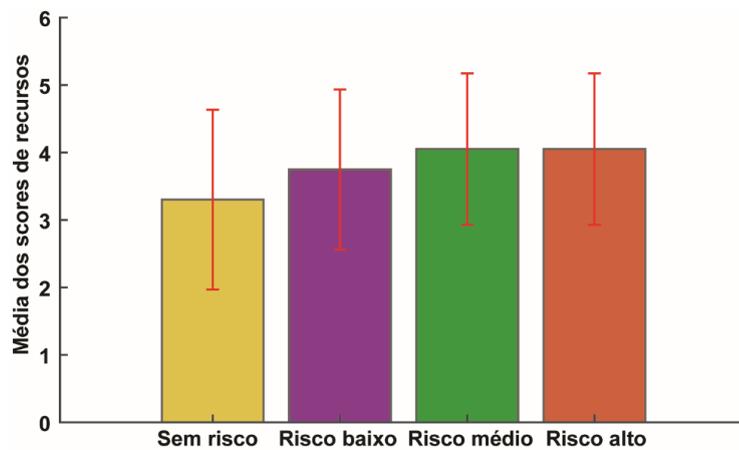


Figura 13: Score de evitação relacionada ao apego de acordo com os grupos de risco.

Em se tratando de imprevisibilidade familiar em termos de Cuidado/apoio (Fator 1) e Recursos Financeiros (Fator 2), não observamos diferenças entre os grupos de risco. Os scores médios para o Fator 1 podem ser observados na Figura 14 e os do Fator 2 na Figura 15.

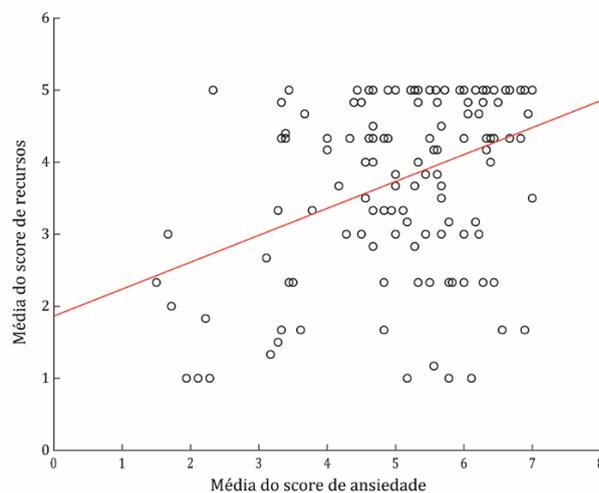


Figuras 14: Score de imprevisibilidade do Cuidado/apoio (Fator 1) de acordo com os grupos de risco.

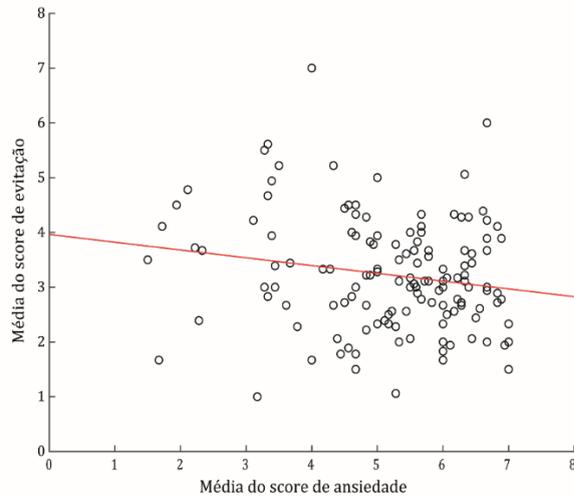


*Figuras 15:* Score de imprevisibilidade de Recursos Financeiros (Fator 2) de acordo com os grupos de risco.

No que se referem a correlações entre as dimensões do apego e os Fatores 1 e 2 da imprevisibilidade, foi encontrada uma correlação positiva ( $r = 0,395$ ;  $p = 0,01$ ) para imprevisibilidade de Recursos financeiros e ansiedade relacionada ao apego (Figura 16). Contudo, não foram encontrados resultados significativos relacionados ao fator Cuidado/apoio. Por sua vez, encontramos uma correlação negativa entre as dimensões de evitação e ansiedade relacionadas ao apego ( $r = -0,179$ ;  $p = 0,05$ ) (Figura 17).

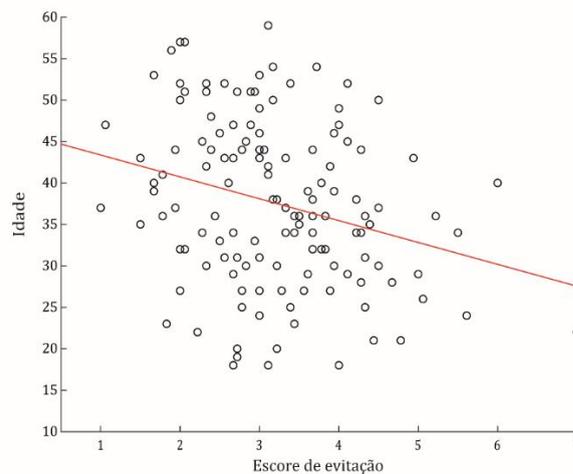


*Figura 16:* Correlação entre imprevisibilidade de Recursos financeiros e ansiedade relacionada ao apego.



*Figura 17: Correlação entre evitação e ansiedade*

Ainda no campo das correlações, obtivemos uma correlação negativa entre idade e evitação relacionada ao apego ( $r = -0,270$ ;  $p = 0,01$ ) (Figura 18).



*Figura 18: Correlação entre idade e evitação*

Outra medida de correlação observada foi a relacionada à idade da primeira relação sexual com a quantidade de parceiros nos últimos 12 meses ( $r = -0,193$ ;  $p = 0,05$ ). É importante observar ainda que os maiores scores na dimensão de ansiedade entre os grupos ficaram com os grupos de risco médio e risco alto (5,56 e 5,38, respectivamente). Já os maiores níveis de evitação entre grupos ficaram com o grupo considerado sem risco (3,54).

Para verificação da confiabilidade dos instrumentos utilizados para a amostra estudada, foi utilizado o Alfa de Cronbach, a partir do qual registramos: 0,73 para evitação relacionada ao apego, 0,85 para ansiedade relacionada ao apego, 0,87 para o Fator Cuidado/apoio da imprevisibilidade familiar e 0,67 para o Fator Recursos financeiros do mesmo instrumento. Estes dados demonstram boa confiabilidade dos questionários utilizados.

## **Discussão**

Os resultados apontam caminhos sinuosos na literatura relacionada à área de apego e riscos. A correlação negativa encontrada entre a idade dos participantes e a evitação relacionada ao apego vai na direção contrária do que apresenta a literatura, na qual autores afirmam que quanto maior a idade, maior a evitação (Chopik, Edelstein, & Fraley, 2012). Tal fato possivelmente se explica pela necessidade muitas vezes encontrada nas ruas de um parceiro ou parceira tanto para proteção no cotidiano, quanto alguém para cuidar e ser cuidado. Levando em consideração que o ambiente da rua é inóspito, pode representar tanto uma das estratégias de sobrevivência, quanto a manutenção da parceria que vier a obter e talvez seja difícil de reaver. Há ainda a hipótese de que com a aproximação do envelhecimento, os indivíduos ainda desejem tentar de alguma forma alcançar a reprodução ou ampliar as chances de sucesso reprodutivo, uma vez que muitas vezes não possuem mais contato com os filhos da família de origem, quando já deram início ao processo de parentalidade, porém sem continuidade do cuidado e esforço parental.

A correlação negativa entre as dimensões de ansiedade e evitação relacionadas ao apego explora de maneira satisfatória a interpretação de que os as dimensões de apego diferem em características resultantes de suas manifestações, bem como de sua tipologia. Há relatos anteriores afirmando que em comparação com a ansiedade, a evitação possui uma correlação negativa com a satisfação geral, integração afetiva e suporte geral nas relações. A ansiedade, por sua vez, foi positivamente associada com conflitos nos relacionamentos (Li & Chan, 2012). Ter confirmado neste estudo a discrepância entre evitação e ansiedade comprova que os participantes demonstraram coerência com suas dimensões de apego e traços comportamentais relacionados. Literatura anterior baseada na classificação tipológica do apego aponta que a dimensão de apego evitativo apresenta menor chance de engajamento em uma relação romântica, enquanto a dimensão de apego ansioso é mais favorável a esse comportamento. Propõe ainda que existe uma interação entre os padrões das dimensões de apego evitativo e ansioso, na qual o efeito negativo de evitação é atenuado quando o apego ansioso possui um

alto efeito (Mende, Scott, Garvey, & Bolton, 2019).

A imprevisibilidade de Recursos Financeiros associada positivamente com a ansiedade relacionada ao apego diz respeito a um tópico recorrente e fundamental na análise da população estudada: a instalação e manutenção da imprevisibilidade que se inicia na infância e perdura até os dias atuais, desta vez nas ruas, em um nível ainda mais complexo. A literatura de estratégias sexuais e reprodutivas relacionada à escolha de parceiros nos demonstra que os recursos são um dos fatores levados em consideração na interação dos pares afetivos (Borrione & Lordelo, 2005; Buss & Schmitt, 2019). Imaginemos o cenário da solidão e dificuldade de subsistência na rua: quanto menores as opções financeiras disponíveis, melhor será caso apareça um parceiro ou parceira para dividir a responsabilidade de obtenção de alimentação e facilitar a segurança, pois dois se protegendo é melhor do que apenas um. Além disso, quanto menores os recursos, provavelmente mais difícil será ser escolhido enquanto parceiro e provedor. Essa percepção da importância do aspecto socioeconômico já foi observada por Gomes, Gouveia, Junior, Coutinho e Santos (2013). Logo, o anseio de encontrar qualquer tipo de relação minimamente viável pode ser maior em decorrência da instabilidade ambiental. É importante, todavia, mencionar que os verdadeiros recursos e a percepção dos recursos podem sofrer graus de variações, podendo levar a mudanças nas escolhas e nos seus padrões de tomadas de decisão gerais.

O fato da imprevisibilidade de Recursos Financeiros e Cuidado/apoio não apresentarem diferença significativa entre os grupos sem risco, baixo, médio e alto risco, pode estar associado à questão do impacto de manutenção de fatores de imprevisibilidade a longo prazo em indivíduos constantemente expostos a situação adversas. Estudos futuros podem se dispor a acompanhar populações com condições de imprevisibilidade prováveis por alguns anos e verificar padrões e mudanças comportamentais em decorrência de um ou mais ambientes, uma vez que estudos anteriores fizeram previsões associando imprevisibilidade à propensão ao risco em outros contextos (Ross & Hill, 2000).

A diferença observada entre os grupos de baixo e médio risco quanto à dimensão de ansiedade no apego nos revela que a amostra apresenta scores significativos de ansiedade diante de riscos médios. Esse dado pode gerar um questionamento se existe um crescente entre a escalada ao risco e os níveis de dimensão de ansiedade no apego nas populações de rua. Uma vez que os indivíduos apresentaram ainda maiores scores de evitação diante de baixíssimo risco, provavelmente esses sujeitos estão sendo mais seletivos, uma vez que não se expõem tanto.

Nossos dados caminham na direção da proposta para a estratégia sexual e reprodutiva masculina dentro da perspectiva evolucionista: quanto mais parceiras, mais relações sexuais desprotegidas, maior a evitação a relacionamentos (íntimos), o que aumentaria as chances de

sucesso reprodutivo. Ainda assim, esse comportamento pode levar a consequências desadaptativas e expor os indivíduos a riscos sexuais. Lembrando que as médias de ansiedade foram altas nos grupos de médio e alto risco e que quanto maior a idade, menor a evitação, tais resultados demonstram diferentes formas de concepção de estratégias sexuais. Levando em consideração essa ambivalência apresentada nos resultados entre as dimensões de ansiedade e evitação do apego, existe a chance de os homens em situação de rua estarem utilizando estratégias múltiplas ou recorrendo às relações de afeto de acordo com a disponibilidade ambiental e pressões envolvidas.

## Referências

- Alarcão, M., & Gaspar, M. F. (2007). Imprevisibilidade familiar e suas implicações no desenvolvimento individual e familiar. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 17(36), 89-102.
- Arum, R., Roksa, J., & Budig, M. J. (2008). The romance of college attendance: Higher education stratification and mate selection. *Research in Social Stratification and Mobility*, 26(2), 107-121.
- Aubier, T. G., Kokko, H., & Joron, M. (2018). Coevolution of male and female mate choice can destabilize reproductive isolation. *bioRxiv*, 246355.
- Barata, R. B., Junior, N., Ribeiro, M. C. S. D. A., & Silveira, C. (2015). Desigualdade social em saúde na população em situação de rua na cidade de São Paulo. *Saúde e Sociedade*, 24, 219-232.
- Barclay, P. (2013). Strategies for cooperation in biological markets, especially for humans. *Evolution and Human Behavior*, 34(3), 164–175.
- Bittencourt, M. N., Pantoja, P. V. D. N., Júnior, S., Pena, J. L. D. C., Nemer, C. R. B., & Moreira, R. P. (2019). Street clinic: the care practices with users of alcohol and other drugs in Macapá. *Escola Anna Nery*, 23(1).
- Borrione, R. T., & Lordelo, E. (2005). Escolha de parceiros sexuais e investimento parental: Uma perspectiva desenvolvimental. *Interação em Psicologia*, 9(1).
- Bowlby, J. (1982). Attachment and loss: retrospect and prospect. *American journal of Orthopsychiatry*, 52(4), 664.
- Burrows, K. (2013). Age preferences in dating advertisements by homosexuals and

- heterosexuals: From sociobiological to sociological explanations. *Archives of Sexual Behavior*, 42(2), 203-211.
- Buss, D. M. (1995). Psychological sex differences: Origins through sexual selection. *American Psychologist*, 50(3), 164-168
- Buss, D. M., & Schmitt, D. P. (1993). Sexual strategies theory: an evolutionary perspective on human mating. *Psychological review*, 100(2), 204.
- Buss, D. M., & Schmitt, D. P. (2019). Mate preferences and their behavioral manifestations. *Annual Review of Psychology*, 70, 77-110.
- Buunk, A. P., Park, J. H., & Duncan, L. A. (2010). Cultural variation in parental influence on mate choice. *Cross-Cultural Research*, 44(1), 23-40.
- Castro, S., Azevedo, R., Padilha, É. B., Dias, C. M., & Botti, N. C. (2019). Vulnerabilidades da população em situação de rua ao comportamento suicida. *Journal of Nursing UFPE/Revista de Enfermagem UFPE*, 13(2), 432-437.
- Chopik, W. J., Edelstein, R. S., & Fraley, R. C. (2013). From the cradle to the grave: Age differences in attachment from early adulthood to old age. *Journal of personality*, 81(2), 171-183.
- Colorado, Y. P. S., Pedraza, J. D. E., Santiago, C. S., & Cotes, J. M. (2019). Apego parental y riesgo suicida en adolescentes y jóvenes. *Informes Psicológicos*, 19(2), 67-79.
- Couto, V. V. D., & Tavares, M. D. S. A. (2016). Apego e risco de suicídio em adolescentes: estudo de revisão. *Revista da SPAGESP*, 17(2), 120-136.
- DeBruine, L. M., Jones, B. C., Crawford, J. R., Welling, L. L., & Little, A. C. (2010). The health of a nation predicts their mate preferences: cross-cultural variation in women's preferences for masculinized male faces. *Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences*, 277(1692), 2405-2410.
- Fink, B., Grammer, K., & Matts, P. J. (2006). Visible skin color distribution plays a role in the perception of age, attractiveness, and health in female faces. *Evolution and Human Behavior*, 27(6), 433-442.
- Fraley, R. C. (2019). Attachment in adulthood: Recent developments, emerging debates, and future directions. *Annual review of psychology*, 70, 401-422.

- Freitas, L. (2012). A teoria evolutiva de Darwin e o contexto histórico. *Títulos não-correntes*, 12(1).
- Fonagy, P., Luyten, P., Allison, E., & Campbell, C. (2018). Reconciling psychoanalytic ideas with attachment theory. Guilford Press.
- Gobrogge, K. L., Perkins, P. S., Baker, J. H., Balcer, K. D., Breedlove, S. M., & Klump, K. L. (2007). Homosexual mating preferences from an evolutionary perspective: Sexual selection theory revisited. *Archives of Sexual Behavior*, 36(5), 717-723.
- Gomes, A. I. A., Gouveia, V. V., Júnior, N. A. D., Coutinho, M. D. L., & Santos, L. C. D. O. (2013). Choice of ideal partner by heterosexuals: are their values and personality traits an explanation? *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(1), 29-37.
- Gomes, M. A., & Pereira, M. L. D. (2005). Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10, 357-363.
- Klagsbrun, M., & Bowlby, J. (1976). Responses to separation from parents: A clinical test for young children. *British Journal of Projective Psychology & Personality Study*.
- Kenrick, D. T., Keefe, R. C., Bryan, A., Barr, A., & Brown, S. (1995). Age preferences and mate choice among homosexuals and heterosexuals: A case for modular psychological mechanisms. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69(6), 1166.
- Li, T., & Chan, D. K. S. (2012). How anxious and avoidant attachment affect romantic relationship quality differently: A meta-analytic review. *European Journal of Social Psychology*, 42(4), 406-419.
- Lussi, I. A., Ricci, T. E., & Pereira, L. M. (2018). Fomento à iniciativas de economia solidária com usuários de álcool e outras drogas em situação de rua: relato de experiência. *Tempus Actas de Saúde Coletiva*, 11(3), 259-272.
- Martellet, E. C., & Siqueira, A. C. (2017). Apego e adolescência institucionalizada: estudo de caso. *Psicologia Argumento*, 32(77).
- Matoso, L. M. L., Matoso, M. B. L., Silva, J. J., & Nascimento, B. M. (2018). Redução de riscos e danos: ações em saúde com pessoas em situação de rua. *Salusvita*, 37(4), 805-821
- Mende, M., Scott, M. L., Garvey, A. M., & Bolton, L. E. (2019). The marketing of love: how attachment styles affect romantic consumption journeys. *Journal of the Academy of*

*Marketing Science*, 47(2), 255-273.

- Millar, M. G., Westfall, R. S., & Walsh, M. (2019). The moderating effects of mate-value on the relationship between perceived sex ratio and mating strategies. *Personality and Individual Differences*, 145, 39-43.
- Raup, L. M., & Adorno, R. D. C. F. (2015). Jovens em situação de rua e usos de crack: um estudo etnográfico em duas cidades. *Revista brasileira adolescência e conflitualidade*, (4).
- Rhodes, G., Zebrowitz, L. A., Clark, A., Kalick, S. M., Hightower, A., & McKay, R. (2001). Do facial averageness and symmetry signal health? *Evolution and Human Behavior*, 22(1), 31-46.
- Ross, L. T., & Hill, E. M. (2000). The family unpredictability scale: Reliability and validity. *Journal of Marriage and Family*, 62(2), 549-562.
- Ryan, M. J., Page, R. A., Hunter, K. L., & Taylor, R. C. (2019). 'Crazy love': nonlinearity and irrationality in mate choice. *Animal behaviour*, 147, 189-198.
- Schmitt, D. P., & Buss, D. M. (1996). Strategic self-promotion and competitor derogation: Sex and context effects on the perceived effectiveness of mate attraction tactics. *Journal of personality and social psychology*, 70(6), 1185.
- Schmitt, D. P. (2007). Sexual strategies across sexual orientations: How personality traits and culture relate to sociosexuality among gays, lesbians, bisexuals, and heterosexuals. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 18(2-3), 183-214.
- Shackelford, T. K., Schmitt, D. P., & Buss, D. M. (2005). Universal dimensions of human mate preferences. *Personality and individual differences*, 39(2), 447-458.
- Silva, E. F., Brito, G. M. I., Oliveira, V. M. C., Carvalho, M. S. M., Borges, B. V., & Magalhães, R. D. L. B. (2019). Conhecimento sobre o HIV/Aids de pessoas em situação de rua. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, (27), e836-e836.
- Silva, T. H., Calisto, M. M., Carvalho, A. C. M., Magalhães, H. J. C., Neto, V. M., Ribeiro, E. E. C., ... & Monteiro, S. G. (2019). Prevalência das hepatites B e C em moradores de rua em São Luís-MA. *Revista de Investigação Biomédica*, 10(3), 219-226.
- Singh, D. (2002). Female mate value at a glance: Relationship of waist-to-hip ratio to health, fecundity and attractiveness. *Neuroendocrinology letters*, 23(Suppl 4), 81-91.

- Slade, A., Holland, M. L., Ordway, M. R., Carlson, E. A., Jeon, S., Close, N., ... & Sadler, L. S. (2019). Minding the Baby®: Enhancing parental reflective functioning and infant attachment in an attachment-based, interdisciplinary home visiting program. *Development and psychopathology*, 1-15.
- Spadoni, L., Júnior, C. P. M., Barroso, L. H. M., Boni, A. L., de Faria, M. R. G. V., & de Souza, S. M. B. (2017). Perfil de drogadição e práticas sociais entre moradores de rua. *Psicologia e Saber Social*, 6(1), 113-128.
- Stark, A. E., Salzano, F. M., & DaRocha, F. J. (1990). Marital correlation for anthropometric characteristics in Brazilian Indians. *Annals of human biology*, 17(5), 417-422.
- Tondin, M. C., Anunciação, P., & Passos, L. A. (2013). Consultório de rua: Intervenção ao uso de drogas com pessoas em situação de rua. *Revista de Educação Pública*, 22(49/2), 485-501.
- Townsend, J. M., & Wasserman, T. H. (2011). Sexual hookups among college students: Sex differences in emotional reactions. *Archives of Sexual Behavior*, 40(6), 1173-1181.
- Vale, A. R. D., & Vecchia, M. D. (2019). “UPA é nós aqui mesmo”: as redes de apoio social no cuidado à saúde da população em situação de rua em um município de pequeno porte. *Saúde e Sociedade*, 28, 222-234.
- Widom, C. S., Czaja, S. J., Kozakowski, S. S., & Chauhan, P. (2018). Does adult attachment style mediate the relationship between childhood maltreatment and mental and physical health outcomes? *Child Abuse & Neglect*, 76, 533-545.
- Wyckoff, J. P., Asao, K., & Buss, D. M. (2019). Gossip as an intrasexual competition strategy: Predicting information sharing from potential mate versus competitor mating strategies. *Evolution and Human Behavior*, 40(1), 96-104.
- Zeifman, D. M. (2019). Attachment theory grows up: a developmental approach to pair bonds. *Current opinion in psychology*, 25, 139-143.

## 7 CONCLUSÕES GERAIS

---

No decorrer deste trabalho foram apresentados dois artigos com propósitos distintos, porém complementares para uma visão ampliada do fenômeno pesquisado. Fomos em busca de um campo de conhecimento ainda inexplorado na ciência: relações entre a situação de rua, imprevisibilidade de Cuidado/apoio e Recursos Financeiros e dimensões do apego adulto. Estas análises nos possibilitaram enxergar possibilidades de interação de variáveis em uma amostra pouquíssimo explorada na ciência em termos de estratégias sexuais sobretudo considerando a variância ambiental.

Em termos mais descritivos, ao que define a média de idade, a aproximação da meia idade nos chamou a atenção, bem como a imensa maioria estar com status civil atual de solteiro. A literatura corrobora com o dado da meia idade como um fator presente na realidade das pessoas em situação de rua (Rosa, Secco, & Brêtas, 2006). Obtivemos dados novos comparando ao que a literatura apresenta, como por exemplo a relação entre idade e a evitação relacionada ao apego como inversamente proporcional.

A reprodução e as estratégias envolvidas no processo são questões que precisam ser analisadas sob diferentes perspectivas e com olhares em constante amadurecimento. Uma vez que a Teoria da Evolução leva em consideração as mudanças ambientais e necessita também de constante avaliação, os pesquisadores precisam caminhar na direção sempre de mudança de perspectivas, foco e ampliação de resultados.

Trabalhar com pessoas em situação de rua, avaliando suas características, partiu muito dessa perspectiva: lançar olhares onde ainda existe pouca investigação e abrir caminho para novas metodologias, conceitos e graus de se fazer ciência. A amostra apresentada obteve percepção coerente entre o que representa curto e longo prazo, diante de suas próprias possibilidades. A correlação negativa entre ansiedade e evitação também trouxe coerência na amostra. Os altos níveis de ansiedade relacionados aos riscos elevados, nos dizem que os homens em situação de rua podem estar buscando parcerias em meio ao caos.

A imprevisibilidade de recursos financeiros associada à ansiedade também pode estar relacionada a esta característica de conseguir parceiras, mesmo que no sentido de que, “para obter algo, precisarei ter o que oferecer para barganhar”. Não podemos esquecer, é claro, da correlação negativa entre a dimensão da evitação do apego e a idade. No que diz respeito à média da amostra se aproximando da meia idade, esse dado corrobora com a perspectiva de que ao pensar a velhice, possivelmente os homens na rua desejam uma companhia.

A falta de uso de preservativo em boa parte das relações sexuais no último ano em uma amostra predominantemente solteira, nos diz algo a respeito das estratégias reprodutivas adotadas pelos homens da amostra, a saber a disposição a buscar cópulas satisfatórias em termos de possibilidades de reprodução. Em outras palavras, aproveitar o que tem aqui e agora. Colocamos em conjunto a visão da amostra do que seria curto e longo prazo, o tempo do último relacionamento e a quantidade de parceiros nos últimos 12 meses para obter uma medida indireta de possíveis estratégias de longo prazo entre os participantes.

Os resultados demonstrados aqui partem da premissa inserção na rua e análise da possível influência ambiental nas estratégias de reprodução e sobrevivência. Estratégias estas que, muitas vezes, se relacionam intimamente. Contudo, estudos futuros precisam continuar investigando estas estratégias nestes público, ampliando amostra, inserindo também as mulheres.

A imprevisibilidade familiar precisa ser mais amplamente estudada tanto neste público, quanto em outros ambientes que envolvam constância de imprevisibilidades por muitos anos. O ponto central é compreender o que possivelmente está por trás da vivência na rua, nos bastidores, mas comum a todos nós de igual maneira: sob o olhar da evolução. Contando com uma população diferenciada e com propósitos ambientais distintos do público em geral das pesquisas, supunha-se que os resultados poderiam mesmo abarcar diferenças da literatura, bem como dar início a um novo desenho estrutural do modelo homem-ambiente-relações tão complexo.

Em resumo, a presente dissertação buscou analisar componentes relacionados ao apego adulto, imprevisibilidade familiar e características sexuais de acordo com a perspectiva da Psicologia Evolucionista. Com base em nosso levantamento informativo, ainda não consta da literatura qualquer tipo de trabalho avaliando estas variáveis em conjunto, junto às pessoas sem teto. Em adição, esse trabalho apresentou dados consistentes relacionados ao perfil socioeconômico das pessoas em situação e se preocupou em caracterizar a amostra de maneira global para facilitar o trabalho de pesquisadores futuros com interesse nesta temática ou em outra relacionada ao mesmo público. Por fim, desejamos que esse trabalho atice a curiosidade científica de muitos, seja em termos de leitura e conhecimento, seja em termos de suporte a estudos futuros. A situação de rua diz respeito a todos nós e lançar olhares às suas relações, interações afetivas e experiências sociais prévias pode fazer parte de um crescimento pessoal, social e científico sem fronteiras.

A seguir apresentamos uma síntese de hipóteses, predições, resultados e conclusões apresentados ao longo da dissertação (Quadro 1):

<b>Hipótese 1:</b> Homens apresentarão propensão a relações mais estáveis		
<b>Predição 1</b>	<b>Resultados</b>	<b>Conclusão</b>
<p>Avaliando as dimensões do apego, os homens em situação de rua, provavelmente devido ao número menor de mulheres na mesma situação em termos proporcionais, tenderão a apresentar apego ansioso em se tratando de relacionamentos românticos. Também supomos que o último relacionamento será tido como de longo prazo e a quantidade de parceiros nos últimos doze meses será pequena.</p>	<p>Na duração do último relacionamento romântico, obtivemos proximidade percentual entre o menor e maior tempo, não existindo prevalência de longo prazo. A quantidade de parceiros nos últimos 12 meses sofreu muita oscilação nos resultados.</p>	<p>Hipótese não corroborada</p>
<b>Hipótese 2:</b> A disposição a estratégias de relações mais estáveis está relacionada à propensão ao risco.		
<b>Predição 2</b>	<b>Resultados</b>	<b>Conclusão</b>
<p>Os homens que apresentarem tendência a preferir relações de maior proximidade, irão se expor menos a riscos.</p>	<p>Não houve correlação significativa entre a dimensão da ansiedade relacionada ao apego e os riscos gerais. Contudo, no campo do risco na exposição sexual, houve correlação positiva: quanto mais alto o risco, mais elevada a média de ansiedade relacionada ao apego.</p>	<p>Hipótese corroborada parcialmente</p>
<b>Hipótese 3:</b> As relações familiares prévias têm efeito nas estratégias reprodutivas.		
<b>Predição 3</b>	<b>Resultados</b>	<b>Conclusão</b>
<p>Indivíduos que apresentaram relações familiares mais consolidadas irão apresentar tendência a também desejar proximidade de um parceiro ou parceira para constituição familiar, avaliado a partir da dimensão de ansiedade relacionada ao apego.</p>	<p>Foi encontrada uma correlação positiva somente entre a dimensão de ansiedade relacionada ao apego e imprevisibilidade de recursos financeiros. Cuidado/apoio não obteve qualquer relação com as dimensões do apego.</p>	<p>Hipótese não corroborada</p>

**Quadro 1:** Síntese de hipóteses, predições, resultados e conclusões apresentados ao longo da dissertação.

## 8 REFERÊNCIAS

---

- Adamo, S. A., & Spiteri, R. J. (2009). He's healthy, but will he survive the plague? Possible constraints on mate choice for disease resistance. *Animal Behavior*, *77*(1), 67-78.
- Ahrens, K. R., Ciechanowski, P., & Katon, W. (2012). Associations between adult attachment style and health risk behaviors in an adult female primary care population. *Journal of Psychosomatic Research*, *72*(5), 364-370.
- Alarcão, M., & Gaspar, M. F. (2007). Imprevisibilidade familiar e suas implicações no desenvolvimento individual e familiar. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, *17*(36), 89-102.
- Aubier, T. G., Kokko, H., & Joron, M. (2018). Coevolution of male and female mate choice can destabilize reproductive isolation. *bioRxiv*, 246355.
- Becker, A. P. S., & Crepaldi, M. A. (2019). O apego desenvolvido na infância e o relacionamento conjugal e parental: Uma revisão da literatura. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, *19*(1), 238-260.
- Bell, N. J., Forthun, L. F., & Sun, S. W. (2000). Attachment, adolescent competencies, and substance use: Developmental considerations in the study of risk behaviors. *Substance use & misuse*, *35*(9), 1177-1206.
- Brito, V. O., Parra, D., Facchini, R., & Bruchalla, C. M. (2007). Infecção pelo HIV, hepatite B e C e sífilis em moradores de rua de São Paulo. *Revista de Saúde Pública*, *41*(2), 47-56.
- Borges, I. K. (2004). Representações sociais de DST/AIDS para adolescentes de um instituição abrigo com experiência pregressa de vida nas ruas da cidade de Goiânia. *Dissertação de mestrado*, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil.
- Borrione, R. T. M., & Lordelo, E. R. (2005). Escolha de parceiros sexuais e investimento parental: Uma perspectiva desenvolvimental. *Interação em Psicologia*, *9*(1).
- Bowlby, J. (1976). Human personality development in an ethological light. In *Animal models in human psychobiology*, pp. 27-36. Springer, Boston, MA.
- Bowlby, J. (1988). Developmental psychiatry comes of age. *The American journal of psychiatry*.
- Buss, D. M., & Schmitt, D. P. (2016). Sexual strategies theory. *Encyclopedia of evolutionary psychological science*, 1-5.
- Buss, D. M., & Schmitt, D. P. (2019). Mate preferences and their behavioral manifestations. *Annual review of psychology*, *70*, 77-110.
- Carvalho, A., Bastos, A. C. D. S., Rabinovic, E. P., & Sampaio, S. M. (2006). Vínculos e redes sociais em contextos familiares e institucionais: uma reflexão conceitual.

- Carvalho, F. S. D. (2018). A separação mãe-bebê e seu reflexo nos vínculos de apego de crianças em creches.
- Castro, S., Azevedo, R., Padilha, É. B., Dias, C. M., & Botti, L. N. C. (2019). Vulnerabilidades da população em situação de rua ao comportamento suicida. *Journal of Nursing UFPE/Revista de Enfermagem UFPE*, 13(2).
- Candolin, U. (2019). Mate choice in a changing world. *Biological Reviews*.
- Cederbaum, J. A., Wenzel, S. L., Gilbert, M. L., & Chereji, E. (2013). The HIV risk reduction needs of homeless women in Los Angeles. *Women's Health Issues*, 23(3), e167-e172.
- Consoli, N., Bernardes, J. W., & Marin, A. H. (2018). Laços de afeto: as repercussões do estilo de apego primário e estabelecido entre casais no ajustamento conjugal. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 36(2), 315-329.
- Correia, I. C. (2012). *Imprevisibilidade familiar e percepção do suporte social em famílias sinalizadas para intervenção precoce: confronto com famílias de comunidade*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra.
- Costa, C. D. A., & Fonsêca, L. (2017). Vínculo materno na perspectiva da teoria do apego: elementos para concepção em saúde mental.
- Dalbem, J. X., & Dell'Aglio, D. D. (2005). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 57(1), 12-24.
- Darwin C. 1859. *On the Origin of Species by Means of Natural Selection*. London: Murray
- Darwin C. 1871. *The Descent of Man and Selection in Relation to Sex*. London: Murray
- De Toni, P. M., De Salvo, C. G., Marins, M. C., & Weber, L. N. D. (2004). Etologia humana: o exemplo do apego. *Psico-USF*, 9(1), 99-104.
- Fleming, I. A. (1996). Reproductive strategies of Atlantic salmon: ecology and evolution. *Reviews in Fish Biology and Fisheries*, 6(4), 379-416.
- Gangestad, S. W., & Simpson, J. A. (2000). The evolution of human mating: Trade-offs and strategic pluralism. *Behavioral and Brain Sciences*, 23, 573-644. doi:10.1017/S0140525X0000337X
- Garcia, M. R. V. (2013). Diversidade sexual, situação de rua, vivências nomades e contextos de vulnerabilidade ao HIV/AIDS. *Temas em Psicologia*, 21(3), 1005-1019.
- Geary, D. C., Vigil, J., & Byrd-Craven, J. (2004). Evolution of human mate choice. *Journal of sex research*, 41(1), 27-42.

- Golder, S., Gillmore, M. R., Spieker, S., & Morrison, D. (2005). Substance use, related problem behaviors and adult attachment in a sample of high risk older adolescent women. *Journal of Child and Family Studies*, 14(2), 181-193.
- Gomes, A. D. A. (2011). *A teoria do apego no contexto da produção científica contemporânea*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista.
- Henshaw, J. M. (2018). Finding the one: optimal choosiness under sequential mate choice. *Journal of evolutionary biology*, 31(8), 1193-1203.
- Howard, R. D. (1978). The evolution of mating strategies in bullfrogs, *Rana catesbeiana*. *Evolution*, 32(4), 850-871.
- Janetos, A. C. (1980). Strategies of female mate choice: a theoretical analysis. *Behavioral Ecology and Sociobiology*, 7(2), 107-112.
- Johnston, V. S., Hagel, R., Franklin, M., Fink, B., & Grammer, K. (2001). Male facial attractiveness: evidence for hormone-mediated adaptive design. *Evolution and Human Behavior*, 22(4), 251-267.
- Jones, B. C., Little, A. C., Feinberg, D. R., Penton-Voak, I. S., Tiddeman, B. P., & Perrett, D. I. (2004). The relationship between shape symmetry and perceived skin condition in male facial attractiveness. *Evolution and Human Behavior*, 25(1), 34-40.
- Kennedy, D. P., Wenzel, S. L., Brown, R., Tucker, J. S., & Golinelli, D. (2013). Unprotected sex among heterosexually active homeless men: results from a multi-level dyadic analysis. *AIDS and Behavior*, 17(5) 1655-1667.
- Komori, M., Kawamura, S., & Ishihara, S. (2009). Averageness or symmetry: which is more important for facial attractiveness?. *Acta Psychologica*, 131(2), 136-142.
- Lopes, B., Ramos, I. C., Ribeiro, G., Correa, R., Valbon, B., Luz, A., ... & Junior, R. A. (2014). Biostatistics: fundamental concepts and practical applications. *Revista Brasileira de Oftalmologia*, 73(1), 16-22.
- Mafra, A. L., Castro, F. N., & de Araújo Lopes, F. (2016). Investment in beauty, exercise, and self-esteem: are they related to self-perception as a romantic partner?. *Evolutionary Psychological Science*, 2(1), 24-31.
- Martellet, E. C., & Siqueira, A. C. (2017). Apego e adolescência institucionalizada: estudo de caso. *Psicologia Argumento*, 32(77).
- Marzoli, D., Havlíček, J., & Roberts, S. C. (2018). Human mating strategies: from past causes to present consequences. *Wiley Interdisciplinary Reviews: Cognitive Science*, 9(2), e1456.

- Moura, G. G. (2012). *Quem não pega, não se apega: o acolhimento institucional de bebês e as (im) possibilidades de construção de vínculos afetivos* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).
- Muggleton, N. K., & Fincher, C. L. (2017). Unrestricted sexuality promotes distinctive short- and long-term mate preferences in women. *Personality and Individual Differences, 111*, 169-173.
- Murta, S. G., Pires, M. R. P., Tavares, A. S., Cordeiro, M. A., Teixeira, E. G., & Adorno, N. (2019). Intimidade e apego no namoro: implicações de estudos de caso para prevenção à violência. *Contextos Clínicos, 12*(1), 204-225.
- Natividade, J. C., & Shiramizu, V. K. M. (2015). Uma medida de apego: versão brasileira da Experiences in Close Relationship Scale-Reduzida (ECR-R-Brasil). *Psicologia usp, 26*(3), 484-494.
- Parker, G. A. (1978). Evolution of competitive mate searching. *Annual review of entomology, 23*(1), 173-196.
- Paes, Â. T. (2008). Por dentro da estatística. *Einstein: Educ. Contin. Saúde, 6*, 107-108.
- Penke, L., & Asendorpf, J. B. (2008). Beyond global sociosexual orientations: a more differentiated look at sociosexuality and its effects on courtship and romantic relationships. *Journal of personality and social psychology, 95*(5), 1113.
- Pimenta, M. D. M. (2019). Pessoas em situação de rua em Porto Alegre: processos de estigmatização e invisibilidade social. *Civitas-Revista de Ciências Sociais, 19*(1), 82-104.
- Pinto, V.M., Tancredi, M. V., Alencar, H. D. R. D., Camolesi, E., Holcman, M. M., Grecco, J. P., ... & Grecco, E. T. O. (2014). Prevalência de Sífilis e fatores associados a população em situação de rua de São Paulo, Brasil, com utilização de Teste Rápido. *Rev Bras Epidemiol, 17*(2), 341-54.
- Raiol, R. W. G., & Nonato, N. D. (2019). Mais vulnerabilizadas à violência urbana: Pessoas em situação de rua e a suposta segurança pública. *Revista Jurídica, 53*(4), 633-658.
- Rosa, A., Secco, M. G., & Brêtas, A. C. P. (2006). O cuidado em situação de rua: revendo o significado do processo saúde-doença. *Revista Brasileira de Enfermagem, 59*(3), 331-336.
- Semensato, M. R., & Bosa, C. A. (2013). O script de apego compartilhado no casal. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 65*(1), 138-151.
- Semensato, M. R., & Bosa, C. A. (2014). Apego em casais com um filho com autismo. *Fractal: Revista de Psicologia, 26*(2), 379-400.
- Shiramizu, V. K. M., & de Araújo Lopes, F. (2013). A perspectiva evolucionista sobre relações românticas. *Psicologia USP 24*(1).

- Silva, T. H., Calisto, M. M., Carvalho, A. C. M., Magalhães, H. J. C., Neto, V. M., Ribeiro, E. E. C., ... & Monteiro, S. G. (2019). Prevalência das hepatites B e C em moradores de rua em São Luís-MA. *Revista de Investigação Biomédica*, 10(3), 219-226.
- Silva, L. R., & Ramos, L. A. L. (2019). Enfrentamento da pobreza, extinção de direitos e usuários das políticas públicas: Desafios para a população moradora de rua. *Anais do Encontro Internacional e Nacional de Política Social*, 1(1).
- Silva, I. M., Menezes, C. C., & Lopes, R. D. C. S. (2010). Em busca da " cara-metade": motivações para a escolha do cônjuge. *Estudos de Psicologia*, 27(3), 383-391.
- Singh, D. (2002). Female mate value at a glance: Relationship of waist-to-hip ratio to health, fecundity and attractiveness. *Neuroendocrinology letters*, 23(4), 81-91.
- Trivers, R. L. (1972) An experimental analysis of ultimatum bargaining. *Journal of Economic Behavior and Organization* 3, 367-388.
- Waynforth, D. (2007). Mate choice copying in humans. *Human Nature*, 18(3), 264-271.

# **ANEXOS**

**ANEXO A – Carta do Comitê de Ética (Brasil)**

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DA EMENDA**

**Título da Pesquisa:** Escolha de parceiros românticos em pessoas em situação de rua sob a óptica evolucionista.

**Pesquisador:** EVERTON XAVIER DE LIMA

**Área Temática:**

**Versão:** 4

**CAAE:** 85615318.1.0000.5537

**Instituição Proponente:** Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 2.803.195

**Apresentação do Projeto:**

A pesquisa motiva-se pela obtenção de uma visão macro das estratégias que as pessoas em situação de rua utilizam para estabelecer seus relacionamentos românticos, considerando que possivelmente não irão se comportar da mesma maneira em termos de seleção sexual quando comparados ao restante da população. A pesquisa possui abordagem quantitativa, com a proposta da análise dos dados utilizando testes estatísticos no Statistical Package for the Social Sciences (IBM SPSS Statistics). Trata-se de uma dissertação de mestrado. Os participantes serão recrutados no Serviço de Acolhimento Noturno Albergue Municipal, e no Centro Especializado para Pessoas em Situação de Rua (Centro Pop). A amostra da pesquisa é de 221, de ambos os sexos a partir dos 18 (dezoito) anos aos 59 anos e 11 meses (cinquenta e nove anos e onze meses), independente da orientação sexual, foi realizado um cálculo de acordo com o grau de confiabilidade a partir deste dado do serviço, por meio de softwares online (não informado pelo responsável pela pesquisa). Serão excluídos do estudo os indivíduos idosos, os que se recusarem a concordar com os termos e esclarecimentos quanto à pesquisa, os portadores de transtorno mental severo e/ou os gravemente dependentes de substâncias psicoativas em uso nocivo constante e diário, de forma que venha a prejudicar a cognição e conseguinte entendimento dos questionamentos a serem realizados aos sujeitos participantes. As entrevistas serão por questionários. A pesquisa é de baixo custo, apresentando, apenas os gastos com impressão. Não informa fonte de financiamento.

**Endereço:** Av. Senador Salgado Filho, 3000

**Bairro:** Lagoa Nova

**UF:** RN

**Município:** NATAL

**CEP:** 59.078-970

**Telefone:** (84)3215-3135

**E-mail:** cepufm@reitoria.ufm.br

Continuação do Parecer: 2.003.126

**Objetivo da Pesquisa:**

HIPÓTESE 1: Homens e mulheres em situação de rua apresentam diferenças em termos estratégias reprodutivas. PREDIÇÃO 1: Homens apresentarão tendência maior a investimento em relações de longo prazo em comparação a mulheres do mesmo grupo.

HIPÓTESE 2: A disposição de adoção de estratégias de longo prazo está relacionada a exibição da propensão a comportamentos de risco. PREDIÇÃO 2: Os sujeitos mais dispostos a adotar estratégias de longo prazo irão apresentar menor indicativo de comportamentos de risco. Sendo assim, pressupõe-se que haverá semelhança entre homens e mulheres em termos de preservação e evitação de riscos nos sujeitos que optarem por relações mais estáveis, independentemente do sexo.

HIPÓTESE 3: As relações familiares na infância têm efeito sobre a estratégia reprodutiva. PREDIÇÃO 3: Indivíduos que possuíram anteriormente vínculos familiares mais consolidados irão apresentar tendência a competir mais por relações de longo prazo.

**Objetivo Primário:**

O objetivo deste estudo é investigar as estratégias adotadas por pessoas em situação de rua da cidade de Natal - RN em termos de relacionamentos românticos.

**Objetivos Secundários:**

- Caracterizar a amostra quanto às preferências em relação ao tipo de adoção de estratégias de escolha de parceiros (curto ou longo prazo);
- Investigar a propensão a comportamentos de risco eventuais;
- Investigar se a disposição a estratégias de longo prazo possui correlação com a diminuição à exposição ao risco eventual, em especial o risco sexual;
- Analisar se pessoas que tiveram relações familiares mais saudáveis e estáveis previamente apresentarão também propensão a constituir uma família preferindo, assim, adotar estratégias de longo prazo.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

O responsável pela pesquisa informa que "pode acontecer um desconforto durante a leitura dos questionários que será minimizado pelo auxílio integral do proponente durante a aplicação".

Os benefícios indicados são: "contribuir para um estudo que irá gerar novas possibilidades de intervenção na área social e novos conhecimentos na exposição ao risco, o que pode vir a trazer

Endereço: Av. Senador Salgado Filho, 3000

Bairro: Lagoa Nova

CEP: 59.078-070

UF: RN

Município: NATAL

Telefone: (84)3215-3135

E-mail: cepufrn@reitoria.ufrn.br

Continuação do Parecer: 2.003.125

novas informações acerca da vivência na rua que serão repassadas oportunamente ao público em forma de palestras, apresentação de trabalhos, oficinas, entre outros”.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa é relevante e apresenta uma importante contribuição para compreensão das estratégias afetivas e, também, de proteção dos moradores em situação de rua, com relação às suas escolhas de parceiros românticos. Apresenta viabilidade e metodologia adequada à área.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

O protocolo de pesquisa possui:

- Formulário CEP: devidamente preenchido.
- Justificativa e anuência da orientadora: adequado.
- Declaração de “Não Início”: atualizada em nova submissão ao CEP.
- Orçamento: adequado.
- TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido): adequado.
- Projeto: verificar pendências que recaem sobre o projeto.
- PB Informações básicas: verificar pendências que recaem sobre o projeto, deve ser atualizado todos os campos que porventura venham a ser modificados.
- Anuência Oficial (da Secretária Municipal do Trabalho e Assistência Social - SEMTAS): Verificar a exigência da “publicação está atrelada à autorização da gestão”
- Questionários (B, C, D e E): apresentam emendas, que estão aprovadas.
- Termo de confidencialidade: não está assinado - respondido nas pendências.

**Recomendações:**

Obrigatório enviar os relatórios da pesquisa.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não há pendências. O pesquisador atendeu as recomendações indicadas nos pareceres anteriores.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Em conformidade com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde - CNS e Manual

Endereço: Av. Senador Salgado Filho, 3000

Bairro: Lagoa Nova

CEP: 59.078-070

UF: RN

Município: NATAL

Telefone: (84)3215-3135

E-mail: cepufn@reitoria.ufrn.br

Continuação do Parecer 2.003.195

Operacional para Comitês de Ética - CONEP é da responsabilidade do pesquisador responsável:

1. elaborar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE em duas vias, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, pelo convidado a participar da pesquisa, ou por seu representante legal, assim como pelo pesquisador responsável, ou pela (s) pessoa (s) por ele delegada(s), devendo as páginas de assinatura estar na mesma folha (Res. 466/12 - CNS, Item IV.5d);
2. desenvolver o projeto conforme o delineado (Res. 466/12 - CNS, Item XI.2c);
3. apresentar ao CEP eventuais emendas ou extensões com justificativa (Manual Operacional para Comitês de Ética - CONEP, Brasília - 2007, p. 41);
4. descontinuar o estudo somente após análise e manifestação, por parte do Sistema CEP/CONEP/CNS/MS que o aprovou, das razões dessa descontinuidade, a não ser em casos de justificada urgência em benefício de seus participantes (Res. 446/12 - CNS, Item III.2u) ;
5. elaborar e apresentar os relatórios parciais e finais (Res. 446/12 - CNS, Item XI.2d);
6. manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa (Res. 446/12 - CNS, Item XI.2f);
7. encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto (Res. 446/12 - CNS, Item XI.2g) e,
8. justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, Interrupção do projeto ou não publicação dos resultados (Res. 446/12 - CNS, Item XI.2h).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_114886_1_É1.pdf	11/07/2018 22:08:34		Aceito
Outros	RespostasPendenciasUltimaVersao.pdf	11/07/2018 22:06:34	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	RespostasPendenciasUltimaVersao.docx	11/07/2018 22:06:13	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoEvertonLimaUltimaVersao.pdf	11/07/2018 22:05:39	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoEvertonLimaUltimaVersao.docx	11/07/2018 22:05:10	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito

Endereço: Av. Senador Salgado Filho, 5000

Bairro: Lagoa Nova

CEP: 59.078-070

UF: RN

Município: NATAL

Telefone: (84)3215-3135

E-mail: cepufm@reitoria.ufrn.br

Continuação do Processo: 2.003.195

Outros	DeclaracaoNaoInicioUltimaVersao.pdf	11/07/2018 22:04:48	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	DeclaracaoNaoInicioUltimaVersao.docx	11/07/2018 22:04:27	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	CRONOGRAMAVersaoFinal.pdf	11/07/2018 22:03:58	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	CRONOGRAMAVersaoFinal.docx	11/07/2018 22:03:22	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	CEPEmendias.docx	01/06/2018 12:46:20	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	CEPEmendias.pdf	31/05/2018 18:46:02	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoEvertonLimaEmenda.pdf	31/05/2018 18:45:17	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoEvertonLimaEmenda.docx	31/05/2018 18:44:51	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	ANEXODEmenda.pdf	31/05/2018 18:44:33	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	ANEXODEmenda.docx	31/05/2018 18:44:18	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	ANEXOCEmenda.pdf	31/05/2018 18:44:04	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	ANEXOCEmenda.docx	31/05/2018 18:43:27	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	TermoConfidencialidadeCorrigido.pdf	19/04/2018 21:39:20	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	TermoConfidencialidadeCorrigido.docx	19/04/2018 21:38:44	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Modificado.pdf	19/04/2018 21:38:11	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Modificado.docx	19/04/2018 21:37:48	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	RespostasPendencias.pdf	19/04/2018 21:35:57	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	RespostasPendencias.docx	19/04/2018 21:35:17	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoEvertonLimaModificado.pdf	19/04/2018 21:32:04	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura	ProjetoEvertonLimaModificado.docx	19/04/2018 21:31:27	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito

Endereço: Av. Senador Salgado Filho, 3000  
Bairro: Lagoa Nova  
UF: RN Município: NATAL  
Telefone: (84)3215-3135

CEP: 50.078-070

E-mail: cepufn@reitoria.ufrn.br

UFRN - UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO RIO GRANDE DO  
NORTE - LAGOA NOVA



Continuação do Parecer: 2.003.195

Investigador	ProjetoEvertonLimaModificado.docx	19/04/2018 21:31:27	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	FormularioCEPCorrigido.pdf	19/04/2018 21:30:27	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	FormularioCEPCorrigido.docx	19/04/2018 21:29:51	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	DeclaracaoNaoInicioCorrigida.pdf	19/04/2018 21:28:46	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	DeclaracaoNaoInicioCorrigida.docx	19/04/2018 21:27:55	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_Modificado.pdf	19/04/2018 21:19:59	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_Modificado.docx	19/04/2018 21:19:44	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	JUSTIFICATIVAANUENCIA.doc	13/03/2018 12:09:17	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	ANUENCIAOFICIAL.doc	13/03/2018 11:56:34	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	ANUENCIAOFICIAL.pdf	13/03/2018 11:56:07	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	FORMULARIOCEPATUALIZADO.pdf	09/03/2018 14:46:55	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	NAOINICIOATUALIZADO.pdf	09/03/2018 14:45:37	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	TERMOCONFIDENCIALIDADE2.pdf	09/03/2018 14:42:06	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	ANEXO E.pdf	06/03/2018 16:32:37	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	ANEXO E.docx	06/03/2018 16:32:27	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	ANEXO D.pdf	06/03/2018 16:32:12	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	ANEXO D.docx	06/03/2018 16:31:58	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	ANEXO C.pdf	06/03/2018 16:31:47	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	ANEXO C.docx	06/03/2018 16:31:30	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	ANEXO B.pdf	06/03/2018 16:30:44	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Outros	ANEXO B.docx	06/03/2018 16:30:25	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	06/03/2018 16:24:43	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura	Projeto.docx	06/03/2018 16:24:11	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito

Endereço: Av. Senador Salgado Filho, 5000

Bairro: Lagoa Nova

CEP: 59.078-070

UF: RN

Município: NATAL

Telefone: (84)3215-3135

E-mail: cepufn@reitoria.ufrn.br

Continuação do Parecer: 2.003.195

Investigador	Projeto.docx	06/03/2018 16:24:11	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	06/03/2018 16:23:19	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	06/03/2018 16:23:08	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	06/03/2018 16:22:59	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.docx	06/03/2018 16:22:36	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	06/03/2018 16:21:32	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	06/03/2018 16:21:22	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	06/03/2018 16:21:07	EVERTON XAVIER DE LIMA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

NATAL, 06 de Agosto de 2018

---

Assinado por:  
LÉLIA MARIA GUEDES QUEIROZ  
(Coordenador)

Endereço: Av. Senador Salgado Filho, 3000

Bairro: Lagoa Nova

CEP: 59.078-070

UF: RN

Município: NATAL

Telefone: (84)3215-3135

E-mail: cepufrn@reitoria.ufrn.br

**ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

### *Esclarecimentos*

Este é um convite para você participar da pesquisa: Escolha de parceiros românticos em pessoas em situação de rua sob a óptica evolucionista, que tem como pesquisador responsável Everton Xavier de Lima e a professora Dra. Fívia de Araújo Lopes.

Esta pesquisa pretende investigar como pessoas em situação de rua se comportam para facilitar a busca de um parceiro romântico.

O motivo que nos leva a fazer este estudo é a observação de inúmeros fatores que influenciam a situação de rua, bem como os riscos envolvidos neste contexto de vida. Sendo assim, queremos analisar se existem diferenças nos relacionamentos românticos deste público em comparação à população em geral.

Caso você decida participar, você deverá se submeter às etapas desta pesquisa, tarefa que, em princípio, não apresentam nenhum risco à sua integridade física ou psíquica. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários. Para a realização da coleta dos dados, será necessário apenas que você disponibilize cerca de 40 (quarenta) minutos do seu tempo.

Durante a realização desta pesquisa, você irá responder a 4 (quatro) questionários acerca de sua experiência em relacionamentos amorosos e vivência em situação de rua. Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. A previsão de riscos é mínima, ou seja, o risco que você corre é semelhante àquele sentido num exame físico ou psicológico de rotina. Serão respeitados integralmente os princípios do sigilo e da ética, bem como o da dignidade da pessoa humana, ao longo de todas as etapas do estudo. Pode acontecer um desconforto durante a leitura dos questionários ou possível desconforto emocional ao responder algumas perguntas dos mesmos, porém tais situações serão minimizadas com pausas entre cada um deles e entre as perguntas, com o suporte integral do pesquisador responsável. Caso você se sinta desconfortável ou incomodado permanentemente, por qualquer motivo, esteja à vontade para interromper sua participação, e você terá como benefício contribuir para um estudo que irá gerar novas possibilidades de intervenção na área social e novos conhecimentos na exposição ao risco, o que pode vir a trazer novas informações acerca da vivência na rua que serão repassadas oportunamente ao público interessado em forma de atividades de prevenção, palestras ou outros eventos necessários.

Em caso de algum problema que você possa ter relacionado com a pesquisa, você terá direito a assistência gratuita que será prestada pelo pesquisador proponente na forma de esclarecimentos presenciais.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para Everton Xavier de Lima no telefone (84) 998998303.

Você tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você.

Os dados que você irá nos fornecer serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar.

Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em local seguro e por um período de 5 anos.

Se você tiver algum gasto pela sua participação nessa pesquisa, ele será assumido pelo pesquisador e reembolsado para você.

Se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado. Qualquer dúvida sobre a ética dessa pesquisa você deverá ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, telefone 3215-3135.

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com o pesquisador responsável Everton Xavier de Lima.

#### *Consentimento Livre e Esclarecido*

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos, desconfortos e benefícios que ela trará para mim e ter ficado ciente de todos os meus direitos, concordo em participar da pesquisa “Escolha de parceiros românticos em pessoas em situação de rua sob a óptica evolucionista”, e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa me identificar.

Natal, 17 de Abril de 2018.



Impressão  
datiloscópica do  
participante

#### **Assinatura do participante da pesquisa**

#### *Declaração do pesquisador responsável*

Como pesquisador responsável pelo estudo “Escolha de parceiros românticos em pessoas em situação de rua sob a óptica evolucionista”, declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodologicamente e direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade do mesmo.

Declaro ainda estar ciente que na inobservância do compromisso ora assumido estarei infringindo as normas e diretrizes propostas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que regulamenta as pesquisas envolvendo o ser humano.

Natal 17 de Abril de 2018.

#### **Assinatura do pesquisador responsável**

**ANEXO C – Questionário PenSE Adaptado (IBGE)**

## USO DE CIGARRO

### As próximas perguntas são sobre o hábito de fumar cigarros e outros produtos do tabaco

Alguma vez na vida, você já fumou cigarro, mesmo uma ou duas tragadas?

- Sim       Não

Que idade você tinha quando experimentou fumar cigarro pela primeira vez?

- Nunca experimentei cigarro  
 Antes dos 8 anos  
 8 ou 9 anos  
 10 anos  
 11 anos  
 12 anos  
 13 anos  
 14 anos  
 15 anos ou mais

NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, em quantos dias você fumou cigarros?

- Nunca fumei  
 Nenhum dia nos últimos 30 dias (0 dia)  
 1 ou 2 dias nos últimos 30 dias  
 3 a 5 dias nos últimos 30 dias  
 6 a 9 dias nos últimos 30 dias  
 10 a 19 dias nos últimos 30 dias  
 20 a 29 dias nos últimos 30 dias  
 Todos os dias nos últimos 30 dias

NOS ÚLTIMOS 12 MESES, você tentou parar de fumar?

- Nunca fumei  
 Não fumei nos últimos 12 meses  
 Sim  
 Não

NOS ÚLTIMOS 7 DIAS, em quantos dias tiveram pessoas que fumaram na sua presença?

- Nenhum dia  
 1 ou 2 dias  
 3 ou 4 dias  
 5 ou 6 dias  
 Todos os 7 dias

Você se considera dependente do cigarro?

- Sim  Não  Não sei

NOS ÚLTIMOS 30 DIAS quantos dias você usou outros produtos de tabaco: cigarros de palha ou enrolados a mão, charuto, cachimbo, cigarrilha, cigarro indiano ou bali, narguilé, rapé, fumo de mascar, etc? (não incluir cigarro

comum)

- Nenhum dia (0 dia)  
 1 ou 2 dias  
 3 a 5 dias  
 6 a 9 dias  
 10 a 19 dias  
 20 a 29 dias  
 Todos os 30 dias

## USO DO ÁLCOOL

**As próximas perguntas abordam o consumo de bebidas alcoólicas como, por exemplo: cerveja, chopp, vinho, cachaça/pinga, vodca, vodca-ice, uísque, etc. A ingestão de bebidas alcoólicas não inclui tomar alguns goles de vinho para fins religiosos.**

Alguma vez na vida, você já experimentou bebida alcoólica?

- Sim  Não

Que idade você tinha quando tomou a primeira dose de bebida alcoólica? (uma dose equivale a uma lata de cerveja ou uma taça de vinho ou uma dose de cachaça ou uísque, etc)

- Nunca tomei bebida alcoólica  
 7 anos ou menos anos  
 8 ou 9 anos  
 10 ou 11 anos  
 12 ou 13 anos  
 14 ou 15 anos  
 16 ou mais anos

**NOS ÚLTIMOS 30 DIAS**, em quantos dias você tomou pelo menos um copo ou uma dose de bebida alcoólica? (uma dose equivale a uma lata de cerveja ou uma taça de vinho ou uma dose de cachaça ou uísque, etc)

- Nenhum dia nos últimos 30 dias (0 dias)  
 1 ou 2 dias nos últimos 30 dias  
 3 a 5 dias nos últimos 30 dias  
 6 a 9 dias nos últimos 30 dias  
 10 a 19 dias nos últimos 30 dias  
 20 a 29 dias nos últimos 30 dias  
 Todos os dias nos últimos 30 dias

**NOS ÚLTIMOS 30 DIAS**, nos dias em que você tomou alguma bebida alcoólica, quantos copos ou doses você tomou por dia?

- Não tomei nenhuma bebida

alcoólica nos últimos 30 dias

- Menos de um copo ou dose nos últimos 30 dias  
 1 copo ou 1 dose nos últimos 30 dias  
 2 copos ou 2 doses nos últimos 30 dias  
 3 copos ou 3 doses nos últimos 30 dias  
 4 copos ou 4 doses nos últimos 30 dias  
 5 copos ou mais

**NOS ÚLTIMOS 30 DIAS**, na maioria das vezes, como você conseguiu a bebida que tomou?

- Não tomei nenhuma bebida alcoólica nos últimos 30 dias (0 dia)  
 Comprei no mercado, loja, bar ou supermercado  
 Comprei de um vendedor de rua  
 Dei dinheiro a alguém que comprou para mim  
 Consegui com meus amigos  
 Consegui em casa  
 Consegui em uma festa  
 Consegui de outro modo

Você se considera dependente do álcool?

- Sim  Não  Não sei

Na sua vida, quantas vezes você bebeu tanto que ficou realmente bêbado(a)?

- Nenhuma vez na vida  
 1 ou 2 vezes na vida  
 3 a 5 vezes na vida  
 6 a 9 vezes na vida  
 10 ou mais vezes na vida

Você já chegou a fazer tratamento específico para diminuir ou parar o uso do álcool?

- Não  
 Sim, só uma vez  
 Sim, mais de uma vez  
 Não sei/Não lembro

Nos últimos 12 meses, como você

avalia o consumo de álcool?

- Manteve-se o mesmo
- Aumentou
- Diminuiu
- Não saberia responder
- Não se aplica

## **DROGAS ILÍCITAS**

**As próximas questões referem-se a drogas ilícitas.**

Alguma vez na vida, você usou alguma droga, tais como: maconha, cocaína, crack, cola, loló, lança perfume, ecstasy, oxy, etc?

- Sim
- Não

Que idade você tinha quando usou droga tais como maconha, cocaína, crack, cola, loló, lança perfume, ecstasy, oxy ou outra pela primeira vez?

- Nunca tive relação sexual
- 9 anos ou menos
- 10 anos
- 11 anos
- 12 anos
- 13 anos
- 14 anos
- 15 anos
- 16 anos ou mais

Nos últimos 30 dias, quantas vezes você usou droga tais como maconha, cocaína, crack, cola, loló, lança perfume, ecstasy, oxy, etc?

- Nunca usei drogas
- Nenhum dia nos últimos 30 dias (0 dia)
- 1 ou 2 dias nos últimos 30 dias
- 3 a 5 dias nos últimos 30 dias
- 6 a 9 dias nos últimos 30 dias
- 10 ou mais dias nos últimos 30 dias

Nos últimos 30 dias, quantas vezes você usou

maconha?

- Nenhuma vez (0 vez)
- 1 ou 2 vezes
- 3 a 9 vezes
- 10 ou mais vezes

Nos últimos 30 dias, quantas vezes você usou crack?

- Nenhuma vez (0 vez)
- 1 ou 2 vezes
- 3 a 9 vezes
- 10 ou mais vezes

Nos últimos 12 meses, você teve problemas pelo uso de drogas com a lei, nos círculos sociais ou em estabelecimentos?

- Sim
- Não

Nos últimos 12 meses você fez ou cogitou fazer tratamento para o uso de substâncias psicoativas ilícitas (drogas)?

- Sim
- Não

Você se considera dependente, em termos de vício, de substâncias psicoativas ilícitas (drogas)?

- Sim
- Não
- Não sei

Nos últimos 12 meses, como você avalia o seu uso de substâncias psicoativas ilícitas (drogas)?

- Manteve-se o mesmo
- Aumentou
- Diminuiu
- Não saberia responder
- Não se aplica

Seu(sua) parceiro(a) romântico(a) utiliza substâncias psicoativas ilegais (drogas)?

- Sim
- Não
- Não sei/Não se aplica

Você já fez uso compartilhado de seringas?

- Sim
- Não
- Não lembro/prefiro não responder.

## SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA

**Nas próximas questões você responderá sobre sua saúde sexual e saúde reprodutiva.**

Você já teve relação sexual (transou) alguma vez?

- Sim  Não

Que idade você tinha quando teve relação sexual (transou) pela primeira vez?

- Nunca tive relação sexual  
 9 anos ou menos  
 10 anos  
 11 anos  
 12 anos  
 13 anos  
 14 anos  
 15 anos  
 16 anos ou mais

Na sua vida, você já teve relação sexual (transou) com quantas pessoas?

- Nunca tive relação sexual  
 1 pessoa  
 2 pessoas  
 3 pessoas  
 4 pessoas  
 5 pessoas  
 6 pessoas  
 Entre 7 a 10 pessoas  
 Entre 10 a 15 pessoas  
 15 ou mais pessoas

NOS ÚLTIMOS 12 MESES, você teve relações sexuais (transou)?

- Sim  Não

Na última vez que você teve relação sexual (transou), você ou seu (sua) parceiro (a) usou algum método para evitar a gravidez e/ou Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST)?

- Nunca tive relação sexual  
 Sim  
 Não  
 Não sei

Você já foi diagnosticado com alguma Doença Sexualmente Transmissível (DST) enquanto está na rua?

- Sim  
 Não

Há quanto tempo ocorreu este diagnóstico?

- Não se aplica  
 1 mês  
 2 ou 3 meses  
 4 ou 5 meses  
 6 ou 7 meses  
 8 ou 9 meses  
 10 ou 11 meses  
 12 ou mais meses

Quantos parceiros(as) sexuais você teve nos últimos 6 meses?

- Nenhuma  
 1  
 2 ou 3  
 4 ou 5  
 6 ou 7  
 8 ou 9  
 10 ou 11  
 12 ou mais

Nas relações sexuais dos últimos 12 meses, em quantas você **não** usou preservativo?

- Nenhuma  
 1  
 2 ou 3  
 4 ou 5  
 6 ou 7  
 8 ou 9  
 10 ou 11  
 12 ou mais

Quantos parceiros(as) sexuais você teve nos últimos 12 meses?

- Nenhum(a)

- 1
- 2 ou 3
- 4 ou 5
- 6 ou 7
- 8 ou 9
- 10 ou 11
- 12 ou mais

Há quanto tempo você não faz exames de rotinas relacionados a Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs)?

- Menos de 1 mês
- 1 mês
- 2 ou 3 meses
- 4 ou 5 meses
- 6 ou 7 meses
- 8 ou 9 meses
- 10 ou 11 meses
- 12 ou mais meses

Nos últimos 12 meses, quantos parceiros(as) sexuais informaram a você que possuíam alguma Doença Sexualmente Transmissível (DST)?

- Nenhum(a)
- 1
- 2 ou 3
- 4 ou 5
- 6 ou 7
- 8 ou 9
- 10 ou 11
- 12 ou mais

Mesmo assim, você optou por manter relações sexuais desprotegidas?

- Sim  Não  Não se aplica

Nos últimos 6 meses quantos parceiros(as) propuseram sexo sem camisinha e você decidiu ceder?

- Nenhuma
- 1
- 2 ou 3
- 4 ou 5
- 6 ou 7
- 8 ou 9

Na última vez que você teve relação sexual (transou), você ou seu (sua) parceiro(a) usou camisinha (preservativo)?

- Nunca tive relação sexual
- Sim
- Não
- Não sei

Na última vez que você teve relação sexual (transou), você ou seu (sua) parceiro (a) usou algum outro método para evitar a gravidez (Não contar camisinha)?

- Nunca tive relação sexual
- Sim
- Não
- Não sei

Na rua, você já recebeu orientação sobre prevenção de gravidez?

- Sim  Não  Não sei

Na rua, você já recebeu orientação sobre Aids ou outras Doenças Sexualmente Transmissíveis(DST)?

- Sim  Não  Não sei

Na rua, você já recebeu orientação sobre como conseguir camisinha (preservativo) gratuitamente?

- Sim  Não  Não sei

## **SEGURANÇA**

**Nas próximas questões, você irá responder sobre aspectos de sua segurança relacionados ao ambiente em que você vive (comunidade, escola, família), segurança no trânsito e violência.**

NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, quantas vezes você foi agredido fisicamente?

- Nenhuma vez (0 vez)
- 1 vez
- 2 ou 3 vezes
- 4 ou 5 vezes

- 6 ou 7 vezes
- 8 ou 9 vezes
- 10 ou 11 vezes
- 12 ou mais vezes

NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, você esteve envolvido (a) em alguma briga em que alguma pessoa usou arma de fogo, como revólver ou espingarda?

- Sim
- Não

NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, quantas vezes você usou o cinto de segurança quando estava em um carro ou outro veículo motorizado dirigido por outra pessoa (excluir ônibus)?

- Não andei em veículo dirigido por outra pessoa nos últimos 30 dias
- Nunca nos últimos 30 dias
- Raramente nos últimos 30 dias
- Às vezes nos últimos 30 dias
- Na maioria das vezes nos últimos 30 dias
- Sempre nos últimos 30 dias

NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, você dormiu na rua, sem utilizar serviços como o albergue ou outros que envolvam abrigo protegido?

- Sim
- Não

NOS ÚLTIMOS 12 meses quantas vezes você foi agredido (a) fisicamente?

- Nenhuma vez (0 vez)
- 1 vez
- 2 ou 3 vezes
- 4 ou 5 vezes
- 6 ou 7 vezes
- 8 ou 9 vezes
- 10 ou 11 vezes
- 12 ou mais vezes

Nos últimos 12 meses quantas vezes você se envolveu em briga (uma luta física)?

- Nenhuma vez (0 vez)
- 1 vez
- 2 ou 3 vezes
- 4 ou 5 vezes
- 6 ou 7 vezes
- 8 ou 9 vezes
- 10 ou 11 vezes
- 12 ou mais

Nos últimos 12 meses, você se envolveu em alguma briga para proteger alguém?

- Sim
- Não

NOS ÚLTIMOS 30 DIAS, quantas vezes você dirigiu um veículo motorizado de transporte (carro, motocicleta, voadeira, barco, etc)?

- Não dirigi carro ou outro veículo nos últimos 30 dias
- 1 vez nos últimos 30 dias
- 2 ou 3 vezes nos últimos 30 dias
- 4 ou 5 vezes nos últimos 30 dias
- 6 ou mais vezes nos últimos 30 dias

NOS ÚLTIMOS 12 meses, qual foi ferimento/lesão mais sério que aconteceu com você?

- Não tive ferimento/lesão séria nos últimos 12 meses
- Tive um osso quebrado ou junta deslocada
- Tive um corte ou perfuração
- Tive um traumatismo ou outra lesão na cabeça ou pescoço e, desmaiei ou não consegui respirar
- Tive uma queimadura grave
- Tive outra lesão ou machucado
- Não se aplica

NOS ÚLTIMOS 12 meses, qual foi a principal causa do ferimento/lesão mais sério que aconteceu com você?  Foi um acidente ou atropelamento por um veículo motorizado

- Foi uma queda

- Foi algo que caiu sobre mim ou me atingiu
- Foi um ataque que sofri ou briga com alguém
- Foi um incêndio ou a proximidade com algo quente
- Foi a inalação ou algo que engoli e me fez mal
- Foi outra causa
- Não se aplica

Já foi agredido por motivo de vingança enquanto estava na rua?

- Sim
- Não
- Não lembro/prefiro não responder

Você já precisou se esconder ou passar um tempo longe de algum local devido a problemas com pessoas da região?

- Sim
- Não
- Não lembro/prefiro não responder

Já esteve preso após se encontrar em vivência de rua?

- Sim
- Não
- Não lembro/prefiro não responder

Você já chegou a perder a consciência por motivo de uso e abuso de álcool, drogas ilícitas ou briga de rua?

- Não
- Sim, por causa do álcool
- Sim, por causa de drogas ilícitas
- Não lembro/prefiro não responder



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOBIOLOGIA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DO COMPORTAMENTO

**DADOS PESSOAIS – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO**

1. Idade: \_\_\_\_\_ anos
2. Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino
3. Orientação Sexual: ( ) Heterossexual ( ) Gay ( ) Bissexual ( ) Transexual  
( ) Prefiro não responder
4. Grau de escolaridade:
  - ( ) Ensino fundamental incompleto
  - ( ) Ensino fundamental completo
  - ( ) Ensino médio incompleto
  - ( ) Ensino médio completo
  - ( ) Ensino superior incompleto
  - ( ) Ensino superior completo
  - ( ) Pós-graduação
5. Rendimento mensal:
6. Status civil atual: ( ) Solteiro ( ) Namorando ( ) Casado ( ) União Estável ( ) Divorciado ( ) Prefiro não responder

Histórico:

Item	(Marcar com um “X” na resposta)				
	Até 6 meses	Entre 6 meses e 1 ano	Entre 1 a 2 anos	Entre 2 a 4 anos	4 anos ou mais
Há quanto tempo está na rua?					
Há quanto tempo está solteiro(a)? (Ignorar caso esteja em relacionamento atualmente)					
Há quanto tempo não contacta a família?					
Quanto durou seu relacionamento mais longo?					
“Para mim, um relacionamento romântico duradouro é de...”					
“Penso que um relacionamento romântico curto corresponde a...”					
Quanto durou o seu último relacionamento afetivo?					

**ANEXO E – *Experiences in Close Relationships (ECR)***

## Experiences in Close Relationship (ECR)

(Brennan, Clark & Shaver, 1998;

versão brasileira: Shiramizu, Natividade & Lopes, 2013)

As afirmações abaixo dizem respeito a como as pessoas podem se sentir em relacionamentos românticos. Nós estamos interessados em saber como você geralmente vivência relações, não apenas no que acontece no seu relacionamento atual, se você estiver em um. Responda cada afirmação indicando o quanto você concorda ou discorda com ela. Observe que o ponto 1 significa “discordo fortemente” e o ponto 7 significa “concordo fortemente”.

	Discordo fortemente		Neutro/misto			Concordo fortemente	
	1	2	3	4	5	6	7
1. Eu prefiro não demonstrar a uma(um) parceira(o) os meus sentimentos mais profundos.	1	2	3	4	5	6	7
2. Eu me preocupo em ser abandonado.	1	2	3	4	5	6	7
3. Eu me sinto muito confortável tendo um alto grau de proximidade afetiva com uma(um) parceira(o) romântica.	1	2	3	4	5	6	7
4. Eu me preocupo demais com os meus relacionamentos românticos.	1	2	3	4	5	6	7
5. Assim que minha(meu) parceira(o) começa a se tornar mais próxima(o) afetivamente de mim, eu percebo que começo a me afastar.	1	2	3	4	5	6	7
6. Preocupa-me a ideia de que uma(um) parceira(o) romântica não goste de mim tanto quanto eu gosto dela(e).	1	2	3	4	5	6	7
7. Eu me sinto desconfortável quando uma(um) parceira(o) romântica quer muita proximidade afetiva comigo.	1	2	3	4	5	6	7
8. Eu me preocupo bastante em perder minha(meu) parceira(o).	1	2	3	4	5	6	7
9. Eu não me sinto confortável em me abrir para uma(um) parceira(o) romântica.	1	2	3	4	5	6	7
10. Frequentemente, eu desejo que os sentimentos da(o) minha(meu) parceira(o) por mim sejam tão fortes quanto os meus sentimentos por ela(e).	1	2	3	4	5	6	7
11. Eu quero me aproximar afetivamente de minha(meu) parceira(o), mas eu acabo me distanciando.	1	2	3	4	5	6	7
12. Frequentemente, eu tenho vontade de me unir completamente com minhas(meus) parceiras(os) românticas, e isso às vezes acaba afugentando elas(es).	1	2	3	4	5	6	7
13. Eu fico apreensivo quando uma(um) parceira(o) fica muito próxima(o) afetivamente de mim.	1	2	3	4	5	6	7
14. Eu me preocupo em ficar sozinho (a).	1	2	3	4	5	6	7
15. Sinto-me confortável compartilhando meus pensamentos e sentimentos íntimos com meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7
16. Meu desejo de ficar muito próximo afetivamente, às vezes, afasta as pessoas.	1	2	3	4	5	6	7
17. Eu tento evitar ficar muito próximo afetivamente de minha(meu) parceira(o).	1	2	3	4	5	6	7

18. Eu necessito que minha(meu) parceira(o) reafirme constantemente que sou amado por ela(e).	1	2	3	4	5	6	7
19. Eu considero que é relativamente fácil aproximar-me afetivamente da(o) minha(meu) parceira(o).	1	2	3	4	5	6	7
20. Às vezes eu sinto que forço meus parceiros a demonstrarem mais sentimento, mais comprometimento.	1	2	3	4	5	6	7
21. Acho difícil permitir-me depender de parceiros românticos.	1	2	3	4	5	6	7
22. Em geral, eu não me preocupo em ser abandonado.	1	2	3	4	5	6	7
23. Eu prefiro não ficar muito próximo afetivamente de uma parceira(o) romântica.	1	2	3	4	5	6	7
24. Se eu não consigo fazer minha(meu) parceira(o) demonstrar interesse por mim, eu fico chateado(a) ou irritado(a).	1	2	3	4	5	6	7
25. Eu falo praticamente tudo ao meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7
26. Eu acho que minha(meu) parceira(o) não quer ficar tão próxima(o) afetivamente quanto eu gostaria.	1	2	3	4	5	6	7
27. Eu normalmente discuto meus problemas e minhas preocupações com meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7
28. Quando eu não estou envolvido em um relacionamento, eu me sinto um pouco ansioso e inseguro.	1	2	3	4	5	6	7
29. Sinto-me confortável em depender afetivamente de uma(um) parceira(o) romântica.	1	2	3	4	5	6	7
30. Eu fico frustrado quando meu parceiro não está por perto tanto quanto eu gostaria.	1	2	3	4	5	6	7
31. Não me importo em solicitar carinho, conselho ou ajuda para parceiros românticos.	1	2	3	4	5	6	7
32. Eu fico frustrado se meu parceiro romântico não está disponível quando eu preciso dele.	1	2	3	4	5	6	7
33. Ajuda muito poder contar com minha(meu) parceira(o) romântica em momentos de necessidade.	1	2	3	4	5	6	7
34. Quando minha(meu) parceira(o) me reprova, sinto-me realmente mal comigo mesmo.	1	2	3	4	5	6	7
35. Eu recorro à minha(meu) parceira(o) para muitas coisas, incluindo conforto e segurança.	1	2	3	4	5	6	7
36. Eu fico magoado(a) quando minha(meu) parceira(o) passa seu tempo longe de mim.	1	2	3	4	5	6	7

**ANEXO F – Escala de Imprevisibilidade Familiar na Infância (EIFI)**

## ESCALA DE IMPREVISIBILIDADE FAMILIAR NA INFÂNCIA (EIFI)

Abaixo, você encontrará uma série de afirmações sobre o comportamento da sua família durante a sua infância. Você provavelmente concordará com alguns itens e discordará de outros. Não existem respostas certas ou erradas e nós estamos interessados no grau em que você concorda ou discorda dessas afirmações. Marque o grau em que você concorda ou discorda de cada afirmação, tomando cuidado para não pular nenhuma linha.

AFIRMAÇÕES	Discordo totalmente	Discordo em parte	Indiferente	Concordo em parte	Concordo totalmente
1. Eu tinha certeza de que minha família cuidaria de mim.	1	2	3	4	5
2. Eu tinha certeza de que minha família me daria apoio se eu precisasse.	1	2	3	4	5
3. Eu sabia que minha família estaria presente para cuidar de mim.	1	2	3	4	5
4. Eu me sentia amado pela minha família.	1	2	3	4	5
5. Eu sabia que minha família estaria presente para me proteger.	1	2	3	4	5
6. Quando eu me machucava, eu sabia que poderia recorrer às pessoas da minha família para ter os primeiros cuidados.	1	2	3	4	5
7. Eu sabia que eu era importante para minha família.	1	2	3	4	5
8. Eu sabia que as pessoas da minha família cuidavam umas das outras.	1	2	3	4	5
9. Quando eu estava chateado, eu sabia que poderia procurar consolo com a minha família.	1	2	3	4	5
10. Eu sabia que a minha família se preocupava com a minha educação.	1	2	3	4	5
11. Houve momentos na minha casa que faltava dinheiro para comprar coisas de necessidade básica (higiene, vestuário, etc).	1	2	3	4	5
12. Houve momentos na minha infância em que tínhamos pouco dinheiro para viver.	1	2	3	4	5
13. Na minha casa, não sabíamos se haveria comida para as refeições diárias.	1	2	3	4	5
14. Na minha infância, minha família não sabia ao certo como pagaria as contas de cada mês.	1	2	3	4	5
15. Eu e/ou outras crianças da minha casa tivemos que começar a trabalhar cedo.	1	2	3	4	5
16. Minha família tinha a preocupação de que os alimentos acabassem antes de poder comprar mais.	1	2	3	4	5
17. Na minha infância, meus familiares costumavam ter empregos informais (sem carteira assinada).	1	2	3	4	5
18. Na infância, houve pessoas da minha família que ficaram desempregadas.	1	2	3	4	5
19. Na minha casa o horário das refeições era diferente a cada dia.	1	2	3	4	5
20. Na minha casa, eu sabia quem estaria presente na hora das refeições.	1	2	3	4	5

Para responder às afirmações acima, você provavelmente utilizou como referência algum momento específico da sua infância. Que idade você tinha em mente enquanto respondia essas afirmações?\_anos